

ROTA DO PASSADO



JOEL PERPÉTUO

Rota do Passado

Joel Perpétuo

Ficha Técnica

Título: Rota do Passado

Autor: Joel Filipe Nogueira Perpétuo

Revisão: Joel Filipe Nogueira Perpétuo

Ano de publicação: 2025

ISBN: 9789403802176

Design da capa: Joel Filipe Nogueira Perpétuo

Ilustrações: Joel Filipe Nogueira Perpétuo

Direitos reservados:

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, seja eletrónico, mecânico, fotográfico, de gravação ou outro, sem a autorização expressa do autor, exceto nos casos previstos por lei.

Esta edição foi publicada através da plataforma Bookmundo.

Sobre o autor



Joel Filipe Nogueira Perpétuo nasceu em 1990, na freguesia da Cova-Gala (hoje São Pedro), na Figueira da Foz. É Mestre em Comunicação e Jornalismo, bem como Mestre em Ensino de História, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde também se licenciou em História.

Atualmente, exerce funções como professor de História no ensino superior e no ensino secundário. Antes de se dedicar ao ensino, trabalhou como jornalista e editor, com experiência em imprensa local e rádio.

Este é o seu primeiro livro.

Índice

Prólogo.....	6
Capítulo I.....	7
Capítulo II.....	74
Capítulo III.....	137
Capítulo IV.....	200
Capítulo V.....	255
Capítulo VI.....	320
Capítulo VII.....	371
Capítulo VIII.....	420
Capítulo IX.....	496
Capítulo X.....	580
Epílogo.....	655

Prólogo

Caro leitor,

Antes de avançar, respire fundo.

Está prestes a cruzar um limiar invisível — aquele que separa o mundo tal como o conhece... da vastidão de tudo o que poderia ter sido. Uma viagem onde o tempo se desfaz como neblina ao sol e a realidade não passa de um acordo frágil entre o que lembramos e o que escolhemos esquecer.

Feche os olhos, por um instante apenas. Imagine que o presente, o passado — as certezas que sustentam os seus dias — não são mais do que o reflexo de um espelho antigo, rachado por mãos que ousaram tocar no impossível.

Agora, ouse ir mais longe: pense no tempo não como uma linha, mas como um tecido ancestral. Um manto invisível que pode ser dobrado, torcido... até mesmo rasgado. Um tear primordial onde cada decisão tece um novo padrão, e cada silêncio esconde uma história por contar.

Dizem que a História é escrita pelos vencedores. Mas... e se ela pudesse ser reescrita? E se as grandes verdades fossem apenas mitos cuidadosamente plantados? E se os mitos contivessem, afinal, a verdade esquecida? Existem momentos em que o tempo se deixa tocar — momentos em que os heróis se ocultam sob o anonimato e as lendas aguardam ser desenterradas, não por arqueólogos, mas por corações que ainda acreditam.

Pergunto-lhe, então: se pudesse viajar no tempo, para onde iria? Que parte da história gostaria de ver, de alterar ou até de compreender de forma diferente? Estas perguntas podem moldar o nosso pensamento de maneiras que ainda nem imaginamos.

Com estas perguntas como bússola, convido-o a embarcar. Esta não é uma viagem comum. Aqui, o impossível é apenas aquilo que ainda não ousou compreender. Os fios do destino enredam-se em padrões imprevisíveis, criando uma tapeçaria de possibilidades. Aqui, o impossível e o possível convivem, e qualquer semelhança com a realidade, caro leitor, será sempre... mera coincidência.

Boa viagem.

Capítulo I

A brisa marítima serpenteava pelas ruas da Figueira da Foz, trazendo consigo o cheiro salgado das ondas e o aroma doce dos bolos das pastelarias locais, um convite irresistível à nostalgia. A luz dourada do fim de tarde refletia-se nas calçadas, dando à cidade um brilho que parecia suspenso no tempo.

Tomás, nos seus vinte e poucos anos, exalava inquietação e curiosidade — uma combinação espelhada no brilho dos seus olhos castanhos, sempre atentos, sempre à procura de algo além do evidente. O cabelo curto, castanho, estava ligeiramente desalinhado, denunciando o hábito frequente de passar os dedos pelos fios enquanto mergulhava em leituras intensas. Vestia jeans gastos e uma camisa leve, práticas para o quotidiano. Uma mochila pendia de um dos ombros — marcada pelo tempo, fiel companheira das suas jornadas entre aulas e descobertas históricas.

Estudante de mestrado em História em Lisboa, Tomás regressara à Figueira da Foz para visitar a família naquele fim-de-semana. Sabia que a casa da avó escondia vestígios do passado — memórias e artefactos que o seu falecido avô colecionara ao longo da vida. Era o lugar perfeito para se perder entre histórias e mistérios.

No sótão, a luz do entardecer atravessava janelas empoeiradas, iluminando caixas e baús esquecidos. As vigas de madeira gemiam suavemente ao toque do vento, enquanto Tomás abria cuidadosamente um pequeno baú coberto por um pano bordado com as iniciais do avô. No seu interior, encontrou dois objetos que lhe cortaram o fôlego: um manuscrito envelhecido, com anotações em latim e diagramas complexos, e um relógio de bolso prateado com um desenho intrincado. Este último estava parado, mas os símbolos gravados no mostrador eram diferentes de tudo o que alguma vez vira.

Sentou-se numa cadeira antiga, segurando o relógio com uma mão e folheando o manuscrito com a outra. Logo na primeira página, os seus olhos fixaram-se na frase *Tempus custodi est anima mundi*, cuja tradução lhe percorreu a espinha como um arrepio: A guarda do tempo é a alma do mundo. As páginas seguintes revelavam descrições técnicas, esquemas de um mecanismo estranho, e referências ao terramoto de 1755, em Lisboa. Uma nota na margem mencionava um túnel subterrâneo entre a Figueira da Foz e Lisboa, destruído por um colapso.

O manuscrito narrava uma história fragmentada, mas fascinante. Segundo as indicações ali deixadas, o relógio fora criado por um inventor visionário no final do século XVIII — um homem convencido de ter descoberto a forma de manipular as forças do tempo.

Tomás franziu o sobrolho, passando os dedos pelas páginas como quem procura uma explicação racional. Um túnel dessa magnitude, ligando dois pontos tão distantes, parecia impossível — tanto naquela época como nos dias de hoje. Nunca ouvira falar de semelhante obra, nem nos livros de História, nem nas histórias contadas. «Isto só pode ser ficção», pensou, ainda incrédulo.

Mas havia algo naquelas palavras — a precisão técnica, a solenidade com que estavam escritas — que semeava a dúvida. E se fosse verdade?

Examinou o relógio com mais atenção, os dedos a seguirem os detalhes gravados no metal prateado. As anotações falavam também de uma âncora magnética rara na região da Figueira da Foz, relacionada com a presença de minerais específicos — uma referência que aguçou ainda mais a sua curiosidade. Folheou mais algumas páginas e fechou o manuscrito lentamente, os olhos fixos no artefacto, agora imóvel entre as suas mãos. O relógio parecia adormecido — mas não morto.

Enquanto os seus dedos percorriam a capa envelhecida, as palavras gastas nas margens das páginas pareciam sussurrar histórias de culpa e arrependimento. O criador do relógio, citado vezes sem conta, surgia como um homem brilhante, mas atormentado pelo peso das consequências. Uma anotação final dava conta de um desaparecimento misterioso, pouco depois da ativação do mecanismo.

E havia ainda um último presságio: o relógio perdera-se no caos, à espera de alguém capaz de compreender o seu verdadeiro propósito. Tomás sentiu um arrepio. O tempo parecia ter parado à sua volta. Sabia que aquele achado era mais do que uma curiosidade. Era um convite. Ou talvez um aviso.

Sem hesitar, pegou no telemóvel e, num impulso, ligou à única pessoa que poderia ajudá-lo a decifrar o enigma: o professor Valadares. Reconhecido pela sua vasta experiência em História e Arqueologia — e pelas suas ideias excêntricas que misturavam ciência, mitologia e filosofia — era o único em quem Tomás confiava para algo tão fora do comum.

A voz grave e familiar de Valadares atendeu ao segundo toque — uma voz que carregava o peso de décadas de estudo, aulas apaixonadas e discussões memoráveis. Valadares era uma figura singular, tanto na aparência como na maneira de estar. De estatura média e postura ligeiramente curvada — consequência de anos a inclinar-se sobre livros antigos e mapas amarrotados — irradiava a aura de um verdadeiro sábio.

O cabelo grisalho, ligeiramente despenteado, contrastava com os olhos castanhos, atentos, quase sempre semicerrados — como se vissem mais do que mostravam. Usava óculos de armação fina, que ajustava com frequência — um gesto tão seu que parecia já fazer parte da sua identidade. As rugas no rosto, especialmente em torno dos olhos, contavam histórias de entusiasmo, perplexidade e ironia.

Valadares preferia roupas clássicas, de conforto estudado: casacos de tweed com cotoveleiras, camisolas de lã em tons discretos e calças de corte intemporal. Um professor de outros tempos — ou de todos os tempos. Havia nele algo que recordava aqueles raros mestres que deixam marca numa geração — o carisma, o tom caloroso e, acima de tudo, a capacidade de inspirar os outros a pensar de forma diferente.

— Tomás? Não me digas que é mais uma dúvida sobre a tese.

O tom era meio brincalhão, mas a atenção por detrás da voz era clara — e era isso que Tomás sempre admirara.

— Professor, isto não é sobre a tese. Eu... eu encontrei algo.

Tomás hesitou por um momento, sentindo o peso do que ia dizer.

— Eu encontrei um manuscrito antigo, e havia um relógio com ele. Não sei como explicar, mas parece estar relacionado com... o tempo.

Houve um silêncio breve, mas denso, do outro lado da linha. Até que Valadares finalmente falou.

— Relógio? Que tipo de manuscrito? Estamos a falar de manuscritos ou de algo mais recente?

Tomás respirou fundo, tentando organizar os pensamentos.

— Parece ser do século XVIII ou XIX, não tenho a certeza. Tem diagramas, anotações em latim, e... professor, menciona o terramoto de Lisboa e fala de um túnel entre a Figueira da Foz e Lisboa.

Do outro lado, o som de papéis a serem movidos indicava que Valadares parara o que estava a fazer. A sua voz surgiu novamente, desta vez mais baixa, quase como se falasse consigo mesmo:

— Isso é impossível...mas fascinante.

A intensidade das palavras fez Tomás segurar o relógio com mais firmeza, como se temesse que o objeto desaparecesse. Valadares interrompeu o silêncio.

— Escuta-me com atenção, Tomás. Precisamos discutir isto pessoalmente. Podes trazer esse manuscrito e o relógio até Lisboa?

— Claro. Quando? — perguntou Tomás, já de pé, como se o relógio lhe pesasse no bolso.

— O mais cedo possível — respondeu Valadares. — Estarei na universidade na segunda-feira. E, Tomás... é importante maneres descrição, antes de compreendermos com o que estamos a lidar.

— Entendido. Lá estarei — respondeu Tomás, com voz firme, antes de desligar.

Quando a chamada terminou, o silêncio do sótão parecia mais pesado. Tomás voltou a olhar para o manuscrito e o relógio. Sob a luz ténue que entrava pelas janelas empoeiradas, os símbolos gravados no metal pareciam emitir um brilho etéreo, como se pulsassem com uma energia própria. A sensação de que havia algo maior a descobrir apoderava-se de Tomás, mas era também assustadora.

Enquanto descia as escadas do sótão, o coração ainda acelerado, não parava de imaginar o que mais estaria escondido ali. E se estaria preparado para o que quer que fosse. Vasculhou toda a casa da avó na esperança de encontrar mais alguma pista, mas além do manuscrito e do relógio não encontrou mais nada.

Mesmo assim, a sensação de que algo escapava aos seus olhos persistia, como se cada canto da casa guardasse um segredo que insistia em permanecer oculto.

Durante a viagem de autocarro para Lisboa, Tomás manteve a mochila firmemente encostada ao peito, os dedos a apertarem as alças com força — sem disso se dar conta. O relógio e o manuscrito estavam guardados lá dentro, mas a ideia de que alguém os pudesse roubar não lhe saía da cabeça. Olhou discretamente em redor, para os restantes passageiros, tentando afastar os pensamentos mais paranoicos. Era um autocarro como tantos outros, cheio de estudantes, trabalhadores e viajantes ocasionais. Ninguém parecia suspeito, mas, mesmo assim, Tomás sentia-se inquieto.

Ao seu lado, Sofia ocupava o lugar da janela. Era habitual encontrarem-se no mesmo autocarro sempre que viajavam para Lisboa. Sofia, com os seus longos cabelos castanhos presos num rabo-de-cavalo, usava auscultadores volumosos e estava mergulhada na leitura de um livro — um hábito tão seu como o silêncio que a envolvia.

Era estudante de Física na mesma universidade e tinham uma ligação especial. Ao notar o olhar pensativo de Tomás, retirou os auscultadores.

— Pareces que viste um fantasma. Está tudo bem?

Tomás hesitou por um momento, olhando para a mochila como se precisasse de decidir se devia contar a Sofia sobre a sua descoberta. Mas, ao lembrar-se de todas as conversas que já tinham tido sobre ciência e história, percebeu que ela poderia ser uma boa aliada.

— Sofia, acho que encontrei... algo estranho. Não sei bem como explicar, mas...

Fez uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

— É um manuscrito antigo, cheio de anotações em latim, diagramas, e apontamentos que não consigo compreender. E há também um relógio. É um objeto... diferente.

Sofia ergueu uma sobrancelha, claramente intrigada.

— Um relógio? Diferente como?

Tomás abriu parcialmente a mochila, apenas o suficiente para que Sofia pudesse espreitar. Ela inclinou-se, vendo o brilho prateado do relógio e os símbolos intrincados gravados nele.

— Parece uma peça de um museu — comentou, fascinada.

— Onde é que encontraste isso?

Tomás contou-lhe rapidamente sobre o sótão da avó, o baú e as anotações sobre o terramoto de Lisboa e um misterioso túnel entre a Figueira da Foz e a capital. Enquanto falava, Sofia alternava entre expressões de ceticismo e fascínio.

— E achas que é real? — perguntou ela, depois de alguns segundos de silêncio.

— Quer dizer, um túnel assim, no século XVIII? Parece... improvável, para não dizer impossível.

Tomás encolheu os ombros, suspirando.

— Não sei. Mas é isso que vou descobrir. Amanhã vou à universidade para mostrar tudo isto ao professor Valadares. Ele vai ajudar-me a perceber o que é verdade e o que não é.

Sofia observou-o atentamente, como se ponderasse algo importante.

— E se for mesmo real? Já pensaste no que isso significa? Descobertas assim podem mudar tudo. — A sua voz oscilava entre o entusiasmo e a prudência .

Tomás desviou o olhar para a janela, vendo os campos passarem rapidamente.

— Não sei se estou preparado para isso — confessou.

— Mas não consigo ignorar. É como se... como se algo maior estivesse a puxar-me para descobrir a verdade.

Sofia sorriu ligeiramente e deu-lhe uma toque leve no braço.

— Bom, acho que não vais escapar dessa aventura, Tomás. Se precisares de ajuda para desvendar esses mistérios, sabes onde me encontrar.

Ele riu-se, finalmente relaxando um pouco.

— Obrigado, Sofia. Espero que o Valadares tenha algumas respostas, porque agora tenho mais perguntas do que nunca.

Enquanto continuavam a conversar, o autocarro aproximava-se lentamente de Lisboa. No entanto, a sensação de que algo extraordinário estava prestes a começar não abandonava Tomás. E sentiu que talvez não estivesse completamente sozinho nesta aventura, que estava prestes a começar.

Sofia era mais do que uma simples companheira de viagem. Desde os primeiros dias na universidade, os dois tinham criado uma ligação profunda, alimentada por interesses partilhados e uma cumplicidade fácil. Apesar disso, nenhum dos dois se atrevera a dar um passo além da amizade. Talvez por medo de estragar o que tinham, talvez porque ambos acreditavam que o outro não sentia o mesmo.

Mas Sofia era a pessoa em quem Tomás confiava sem reservas, e por isso não foi surpresa que, após a conversa no autocarro, a tivesse convidado para o acompanhar, no dia seguinte, na visita ao professor Valadares. Eram tão próximos que até o orientador da tese de mestrado de Tomás já se cruzara com Sofia em algumas ocasiões — em cafés e almoços para os quais Tomás a convidava com frequência.

Quando chegaram à universidade, Valadares estava rodeado por pilhas de livros e manuscritos antigos. Assim que os viu, o professor ergueu o olhar e sorriu levemente ao reconhecer Sofia.

— Sofia, vejo que estás a acompanhar o Tomás nesta aventura. Bom, considerando as discussões animadas que já tivemos, não me espanta.

A voz grave e carregada de experiência tinha um tom acolhedor, mas os seus olhos fixaram-se rapidamente na mochila de Tomás.

Sofia sorriu, inclinando-se ligeiramente para a frente enquanto retirava os auscultadores do pescoço.

— Professor, tinha de vir. O Tomás falou-me sobre este relógio e fiquei demasiado curiosa para ficar em casa.

Como estudante de Física, tudo o que desafiava as leis do tempo fascinava Sofia. Essas curiosidades incomuns uniam as áreas de ambos, História e Física, fortalecendo ainda mais o vínculo que partilhavam.

Valadares assentiu, ajustando os óculos com cuidado antes de se virar para Tomás.

— Muito bem, então. Vamos ao que interessa.

Tomás retirou o manuscrito e o relógio da mochila, colocando-os sobre a mesa. Enquanto Valadares examinava cada detalhe, Sofia aproximou-se, os olhos fixos no objeto reluzente. O professor abriu o manuscrito e começou a folhear com atenção, a sua expressão oscilando entre fascínio e preocupação.

— Isto é incrível, Tomás. Este manuscrito menciona teorias sobre o tempo impossíveis para a época. — Valadares virou uma página e apontou para um nome sublinhado: Sirius. Franziu o sobrolho, como se as palavras o intrigassem profundamente.

— Parece que este Sirius era mais do que um inventor. As suas ideias ultrapassavam tudo o que conseguimos compreender sobre o tempo. Pode ser chave... Uma chave de alguma coisa... talvez relacionada a este relógio.

Valadares fitou o objeto nas mãos de Tomás, a voz carregada de hesitação:

— É a outra parte do enigma. Mas como...? Isto é... demasiado para absorver assim de repente.

Tomás examinou o relógio, os olhos fixos nos intrincados detalhes, enquanto a mente fervilhava com dúvidas.

— No manuscrito, fala várias vezes de uma Custódia Temporal e das Invasões Francesas. O que é que isso significa?

Valadares suspirou e pousou o manuscrito sobre a mesa. Folheou lentamente as páginas, procurando algo específico.

— Segundo o manuscrito, parece que houve um evento durante as Invasões Francesas, em que Napoleão terá enviado um dos seus generais de confiança à procura deste relógio.

O professor Valadares já ouvira muitas histórias e teorias sobre uma organização secreta conhecida como Custódia Temporal ou *Custodie du Temps* — um grupo que, supostamente, dedicava-se a procurar relíquias, joias e outros objetos valiosos. Ainda assim, julgava que isso não passava de um mito. Não havia qualquer tipo de fundamentação ou registo histórico confiável que sustentasse essas teorias.

Tomás inclinou-se, com a curiosidade a crescer.

— Mas o que aconteceu?

Valadares virou o manuscrito e mostrou-lhe uma anotação:

— Segundo o que aqui está, o general chamava-se Lambert e encontrou o relógio na Figueira da Foz. Ativou-o numa tentativa de testar o artefacto antes regressar a Paris. Mas algo correu terrivelmente mal. Os registos indicam que ele desapareceu misteriosamente.

Tomás sentiu um arrepio, como se o desaparecimento de Lambert fosse apenas o início de algo muito mais sinistro, algo que começava agora a envolver também a sua própria realidade.

Sofia, que até então estava em silêncio, cruzou os braços e olhou para o relógio sobre a mesa

— E o relógio? Ficou aqui?

Valadares assentiu.

— Parece que sim. Foi encontrado algum tempo depois, mas qualquer tentativa de o usar desde então terminou em fracasso. O mecanismo é peculiar e não é qualquer um que o sabe pôr a funcionar ou que o consegue ativar.

Sofia inclinou-se para a frente, examinando os intrincados símbolos do relógio.

— Talvez o relógio escolha quem pode usá-lo. Algo que só o criador entenderia.

Valadares olhou para ela com aprovação, ajustando os óculos.

— É uma hipótese, Sofia. Sabemos que Napoleão o procurava e que foi mantido escondido. Talvez isso tenha algum significado... mas ainda não sabemos ao certo o quão perigoso pode ser.

Sofia trocou um olhar com Tomás, um misto de admiração e inquietação espelhado nos seus olhos.

— E agora que está nas tuas mãos, Tomás? O que vais fazer?

Tomás hesitou por um momento, com olhar fixo no relógio.

— Vou descobrir a verdade. — A voz de Tomás soou mais firme do que ele esperava, como se já tivesse aceitado o caminho que precisava trilhar.

Valadares pousou uma mão no ombro dele, um gesto que misturava encorajamento e alerta.

— A verdade é um fardo pesado, Tomás. Certifica-te de que estás preparado para ela.

O professor inclinou-se ligeiramente para a frente, os olhos intensos refletindo a gravidade do que estava prestes a dizer. Analisando o manuscrito, encontrou uma passagem em latim que traduziu cuidadosamente: *Temporis custodia non solum servat tempus, sed etiam fatum*. — Ou seja, a Custódia não guarda apenas o tempo, mas também o destino.

Fez uma pausa. O silêncio assentou na sala como um véu denso, enquanto Valadares estudava atentamente a reação de Tomás.

— Mas há mais. O desaparecimento de Lambert não foi acidental. A sua família fundou uma organização secreta — a Custódia Temporal — com o propósito de recuperar o relógio e reparar aquilo que desencadearam.

Os olhos de Valadares estreitaram-se, como se cada palavra proferida carregasse o peso de séculos de segredos.

— Se o que está escrito neste manuscrito for verdade, o relógio não é apenas uma relíquia histórica. É a chave para algo que ultrapassa tudo o que somos capazes de conceber.

Tomás recostou-se na cadeira, sentindo-se esmagado pela revelação. A sua mente fervilhava.

— Então... eles não estão a proteger o tempo. Estão a tentar controlá-lo.

Valadares acenou com gravidade, o olhar cravado no artefacto como se, a qualquer instante, este pudesse revelar mais do que o visível.

— Se for assim, tudo isto torna-se muito perigoso.

Tomás passou a mão pelos cabelos, balançando a cabeça.

— Isto não pode ser verdade... Deve ser uma fantasia, um livro de ficção científica, certo? — disse, voltando-se para Sofia, quase implorando por confirmação.

Sofia acenou levemente com a cabeça, concordando.

— Talvez seja isso, Tomás... — respondeu, num tom hesitante, mas sem a convicção que ele esperava ouvir.

Valadares, por seu lado, não partilhava do mesmo ceticismo. O homem da ciência, catedrático respeitado e habituado a desconstruir mitos com provas, inclinou-se ligeiramente para a frente, como quem pondera mergulhar num abismo.

— Também queria pensar assim, mas temo que possa haver aqui algum fundo de verdade.

Disse, num tom grave e contido.

— Vamos, por um momento, admitir que é real. Precisamos de manter a mente aberta. Caso contrário, corremos o risco de ignorar algo que não compreendemos... até ser tarde demais.

Tomás oscilava o olhar entre Sofia e Valadares. Sentia a dúvida transformar-se, lenta mas implacavelmente, em possibilidade. Uma possibilidade que pesava. O silêncio impôs-se na sala como uma cortina espessa. Do lado de fora, o sussurro do vento insinuava-se pelas frestas, como se o próprio mundo escutasse em suspenso.

Valadares voltou a folhear o manuscrito com uma reverência quase religiosa. As páginas desdobravam-se sob os seus dedos experientes, revelando uma mistura de português arcaico, latim, francês antigo e símbolos que desafiavam qualquer decifração imediata.

De súbito, o professor imobilizou-se. Endireitou-se na cadeira, os olhos a fixarem-se num ponto específico.

— Aqui está... — murmurou, como se revelasse um segredo antigo — ...uma verdade que pode iluminar o que até agora permanecia oculto.

Ergueu o relógio, a luz fraca da sala refletindo nos intrincados símbolos prateados.

A sua voz carregava uma gravidade que fez Tomás e Sofia inclinarem-se para a frente, atentos.

— O relógio não é apenas um artefacto. É uma âncora temporal. Conecta quem o segura ao fluxo do tempo, impedindo que fiquemos à deriva.

Sofia endireitou-se, um arrepio percorrendo-lhe a espinha ao ouvir aquelas palavras. O olhar dela estava preso no relógio, como se tentasse decifrar o seu segredo.

— Então, segundo o que aí está escrito... é possível viajar no tempo, mas nunca se pode largar o relógio? Tem de se manter o toque no relógio, é isso?

Valadares ajustou os óculos e olhou novamente para o manuscrito, como se procurasse confirmar a interpretação antes de responder.

— Sim, exatamente. Segundo o que aqui está escrito, é necessário manter contacto com o relógio. Pode ser um toque direto ou indireto.

Tomás contraiu ligeiramente a testa, sem entender.

— Indireto?

O professor assentiu, apontando para uma passagem no manuscrito.

— Deduzo que basta tocar na pessoa que segura o relógio. Isso permitiria a viagem de várias pessoas em simultâneo. Mas... devo frisar, esta é apenas a interpretação do que aqui está escrito.

Instalou-se um silêncio denso. Os três ficaram suspensos naquele momento, enquanto o peso daquela revelação começava a assentar. Sofia trocou um olhar com Tomás — um brilho misto de admiração e inquietação dançava nos seus olhos. A ideia de um artefacto capaz de ligar e transportar seres humanos através do tempo parecia romper com tudo aquilo que ela conhecia.

Foi Sofia quem quebrou o silêncio, a sua voz suave, quase um sussurro, cortando o ar como uma pergunta proibida.

— Então... se alguém viajar no tempo sem tocar no relógio, fica preso noutra época?

Valadares hesitou, ajustando os óculos com um movimento tenso. O tom da sua voz endureceu, grave e cheio de incerteza.

— Não sei. Há demasiadas variáveis que não compreendemos. Pode morrer... ou ficar retido para sempre noutra época.

Sofia e Tomás trocaram um olhar alarmado, enquanto o professor, absorto nas suas reflexões, prosseguia num tom mais contido.

— Tudo depende da proximidade ao relógio. Se alguém estiver suficientemente perto, mas sem lhe tocar, pode ser sugado pelo fenómeno... ou até mesmo destruído pelo impacto. Por outro lado, se estiver longe demais, ficará provavelmente retido noutra época — desligado do fluxo temporal principal, como uma âncora caída fora do mar do tempo.

Tomás quebrou o silêncio, a voz vibrando com uma mistura de nervosismo e excitação.

— Tive uma ideia. Vamos experimentar o relógio. Ver se funciona. — Pegou no artefacto, girando-o nas mãos com cuidado. — Se rodarmos esta peça, deve ativar-se. Vamos viajar.

Sofia arregalou os olhos, cruzando os braços de forma defensiva.

— Espera aí! Não seria melhor perceber primeiro como isto funciona? Saber exatamente para onde vamos — a época, a cidade, essas coisas? Já vi muitos filmes sobre viagens no tempo, e isto nunca corre bem assim! Pode ser perigoso, Tomás.

O professor Valadares, no entanto, parecia cada vez mais absorvido pela ideia. Os seus olhos brilhavam com entusiasmo, como se a mera possibilidade de uma experiência como aquela dissipasse todas as dúvidas.

— A verdade é que devíamos experimentá-lo. Como dizia Camões: "A experiência, que é madre das coisas, tudo nos ensina"... E se o poeta o disse, quem somos nós para duvidar?

Sofia ainda hesitava, mas o olhar de Valadares transmitia uma energia contagiante. Tomás trocou um olhar com ela, sentindo a adrenalina a subir à medida que o momento se tornava inevitável. Inspirou profundamente, tentando reunir coragem.

— Está bem. Vamos fazer isto.

O silêncio que se seguiu foi denso, carregado da expectativa de algo que poderia mudar tudo.

Sofia aproximou-se com relutância, enquanto Valadares e Tomás se preparavam como quem se dispõe a lançar-se para o abismo do desconhecido.

Tomás girou a peça do relógio de bolso.

Nesse instante, o mundo pareceu desvanecer-se. Um zumbido grave encheu o ar, e uma luz ofuscante envolveu-os por completo. O chão desapareceu sob os seus pés, e uma vertigem tomou conta deles — como se estivessem a cair num poço sem fundo.

A luz intensificou-se, envolvendo-os numa explosão de cores impossíveis. Eram todas as cores do espectro — e outras que os olhos humanos não deviam ver — a dançarem em harmonia desordenada. Por um instante eterno, o tempo pareceu suspenso. O mundo dissolveu-se num som profundo e ressonante, como o eco de um trovão misturado a vozes que pareciam vir de séculos esquecidos.

Era uma sinfonia antiga, primitiva, imponente — como se o próprio universo se reajustasse para os receber, alterando, por eles, a ordem sagrada das coisas.

De súbito, sentiram-se empurrados por uma força colossal. O chão fugia-lhes dos pés, e um frio cortante atravessava-lhes os ossos. O espaço em redor tornou-se numa espiral de sombras e luzes — um túnel de energia viva e incerta.

No meio do caos, uma voz rasgou o estrondo:

— Esperem!

Era Sofia. Ficara para trás. Lutava para os alcançar, enquanto o chão sob os seus pés se abria em fendas profundas — abismos sem fim que ameaçavam engoli-la.

Tomás voltou-se, os olhos arregalados ao vê-la em risco.

— Sofia! Segura-te! — gritou, estendendo-lhe a mão com desespero.

Valadares, já mais à frente, tentava manter o equilíbrio no que restava de solo firme.

— Ela tem de chegar até aqui! Estamos a perder o contacto com o chão! — bradou, a voz tensa, os olhos arregalados.

Sofia esticou o braço, lutando contra a força invisível que a arrastava para trás. Num derradeiro impulso, lançou-se em frente. Tomás agarrou-lhe a mão — e, por um momento, o peso dela quase o puxou para o vazio. Valadares estendeu a sua mão também. Juntos, puxaram Sofia de volta para a zona estável. Com um último esforço, os três tombaram no chão com um estrondo surdo, enquanto o espaço em redor finalmente se estabilizava.

Ficaram ali, ofegantes, os corpos pesados pelo impacto e pelas forças que os tinham atravessado. Nenhuma palavra foi dita. Apenas o som da sua respiração — áspera, acelerada — preenchia o silêncio que se instalara, como o último eco de uma tempestade.

— Isso foi... — começou Sofia, mas não conseguiu terminar a frase, ainda ofegante.

— Intenso? — completou Tomás, com um sorriso cansado.

Valadares cruzou os braços, absorvendo o que via com olhos de alguém que finalmente testemunhava um mito tornar-se real.

Tomás apoiou as mãos nos joelhos, tentando acalmar o coração, que batia como um tambor prestes a rebentar. À medida que o pânico se dissipava, uma euforia inesperada começou a tomar o seu lugar. Um sorriso involuntário brotou-lhe nos lábios, como um raio de sol após a tempestade.

— Conseguimos mesmo... — murmurou. — Viajámos no tempo.

A luz ao redor desvaneceu-se e, num instante, tudo mudara. O ar era mais fresco, mais limpo — com um subtil aroma a sal e terra molhada. Sons distantes cortavam o silêncio: vozes indistintas, o rodar compassado de rodas de madeira sobre chão batido, e o bater leve de ferraduras.

Tomás ergueu o olhar. Os seus olhos, ainda a ajustarem-se à nova realidade, fixaram-se num ponto no horizonte. E, de repente, o reconhecimento surgiu, tão nítido como um clarão de memória.

— Estamos na Figueira da Foz! — exclamou, com os olhos a brilhar. — Reconheço o Forte de Santa Catarina! Está ali!

Apontava com entusiasmo para a estrutura imponente, recortada contra a linha do céu — uma sentinela de pedra que atravessara séculos, agora testemunha silenciosa do impossível.

Sofia olhou para a direção indicada e assentiu, começando também a reconhecer a paisagem.

— E esta é a marginal, mas... olha para ela! Está completamente diferente. Sem carros, só terra e carruagens.

Ao longe, a praça principal fervilhava com o movimento das pessoas. Cavalheiros de fraque, alguns com bengalas ornamentadas, trocavam palavras à sombra das árvores, enquanto senhoras em vestidos longos, bordados com rendas e adornados com chapéus elegantes, moviam-se com uma graça quase dançante. Carruagens puxadas por cavalos percorriam as ruas de terra batida, completando o quadro de um tempo que parecia suspenso.

O professor Valadares observava tudo com atenção, os olhos analisando cada detalhe da paisagem com uma precisão quase científica.

— Isto não é apenas a Figueira da Foz. É a Figueira no final do século XIX — afirmou ele, mais para si do que para os outros.

Aproximando-se de uma árvore próxima, o professor tocou na casca rugosa com uma expressão de fascínio.

— Pelo tipo de movimento na praça, pelos trajés, as carruagens... diria que estamos entre 1880 e 1900.

O Professor Valadares, ainda a observar o cenário ao redor, respondeu com um tom de admiração:

— É impressionante como além de viajarmos no tempo, fomos parar a outra cidade.

Sofia trocou um olhar com Tomás, o coração acelerado. O brilho de medo e excitação nos seus olhos mostrava que ainda processava a magnitude do que estavam a viver.

— E agora? O que fazemos?

Tomás olhou para o relógio e respondeu com determinação.

— Descobrimos por que estamos aqui.

Valadares assentiu, mas os seus olhos mantinham-se fixos na paisagem, como se quisesse gravá-la para sempre. O Forte de Santa Catarina erguia-se ali, guardião de pedra perante a vastidão do Atlântico. A praça, cheia de vida, parecia sussurrar histórias esquecidas pelo tempo.

O ar estava carregado de maresia, entrelaçada com o leve odor a carvão, vindo dos barcos a vapor ancorados no porto. Nas ruas, pavimentadas com pedras irregulares, os cascos dos cavalos e as rodas das carruagens compunham uma sinfonia que se misturava com os pregões dos vendedores no mercado ao ar livre.

Tomás e Sofia caminhavam lado a lado, os olhos a absorver cada pormenor como se fossem páginas vivas de um livro esquecido. O céu parecia mais límpido, o ar mais leve — como se o próprio tempo respirasse de outra maneira.

— Olha ali — murmurou Sofia, apontando para um café elegante com esplanada cheia. O letreiro dizia «Grande Café do Mondego» em letras douradas, e os clientes, envoltos em tecidos finos, bebiam chá em chávenas delicadas, entre sorrisos contidos e murmúrios de outros tempos.

Valadares ajustou os óculos, como se quisesse gravar cada detalhe na memória.

— É fascinante... a arquitetura, as expressões, até os cheiros. Tudo é mais autêntico — parou para observar uma pequena carruagem que passava, o condutor vestindo um uniforme impecável.

Tomás, no entanto, não conseguia afastar a sensação de que estavam a ser observados. Virou-se discretamente e viu um grupo de crianças a cochichar e a apontar na sua direção. Uma senhora idosa arregalou os olhos, claramente intrigada com as roupas deles.

— Acho que estamos a chamar mais atenção do que pensávamos — sussurrou Tomás.

Sofia riu, tentando disfarçar o nervosismo.

— Com estas roupas, parece que saímos de uma peça de teatro futurista.

Valadares não conseguiu conter um sorriso, mas logo ficou sério.

— Precisamos de manter a discrição. Qualquer interferência a mais... pode alterar tudo.

Tomás assentiu, mas o brilho nos seus olhos revelava que estava demasiado fascinado para se conter. Aproximou-se de um mercado ao ar livre onde vendedores anunciavam frutas frescas, cerâmicas pintadas à mão e peças de artesanato local. Pegou numa peça de cerâmica, um pequeno vaso pintado com detalhes florais de um azul vibrante.

— Isto parece tão... novo — murmurou, admirando o brilho do esmalte.

Sofia estava ao lado dele, observando as pessoas passarem.

— Imagina só... estas pessoas não fazem ideia de que estão a viver aquilo que, para nós, é História. Para elas, este é apenas o presente.

Tomás anuiu lentamente, os olhos fixos num casal que discutia o preço de uma maçã.

— Para elas, o presente. Para nós, o passado. E se soubessem de onde viemos... talvez nos vissem como vindos do futuro.

O som de sinos ecoou à distância, interrompendo o momento. Uma carruagem puxada por cavalos surgiu na esquina, os cascos ressoando sobre a calçada irregular, enquanto o condutor bradava algo que os viajantes não conseguiram entender por completo. Era uma visão tão estranha quanto hipnotizante.

Sofia segurou o braço de Tomás, o entusiasmo a vibrar-lhe na voz.

— Temos de andar num desses.

Valadares suspirou, balançando a cabeça com leve reprovação.

— Isto não é uma excursão turística. Estamos aqui por alguma razão.

Tomás franziu o sobrolho, apontando para o relógio.

— E o relógio? Não nos vai dizer por que estamos aqui?

Valadares consultou o manuscrito, folheando até uma página onde símbolos familiares dançavam entre linhas de texto envelhecido. O professor apertou os lábios, tentando organizar os pensamentos.

Sofia olhou ao redor, franzindo o sobrolho.

— Talvez devêssemos seguir o fluxo de pessoas.

Valadares hesitou, mas acenou com a cabeça.

— Vamos fazer isso. Mas com discrição. A última coisa que precisamos é chamar a atenção.

Não teve tempo de dizer mais. Um homem de bigode bem aparado e uniforme militar aproximou-se com passo firme, fitando-os de alto a baixo com uma curiosidade mal disfarçada.

— Posso ajudá-los? — perguntou num tom cortês, mas marcado por uma desconfiança educada.

Sofia gaguejou, esforçando-se por inventar uma desculpa convincente.

— Nós... somos visitantes de Lisboa. Apenas... a admirar a vossa bela vila.

O homem arqueou uma sobrancelha, mas pareceu aceitar a explicação. Antes de se afastar, deixou-lhes um aviso num tom grave.

— Sugiro que se mantenham afastados do porto. A presença de embarcações francesas tem causado alguma tensão por estas bandas. Não é seguro andar por lá.

Valadares permaneceu imóvel, os olhos a seguir a figura do militar até esta se perder na multidão. Coçou a cabeça, visivelmente intrigado, antes de se virar para Tomás e Sofia.

— Que estranho... — murmurou, franzindo o sobrolho como quem tenta encaixar uma peça fora de lugar num velho puzzle.

— No final do século XIX, não encontro registo de embarcações francesas no porto da Figueira da Foz que justificassem tensão local. Há aqui qualquer coisa que não bate certo.

Tomás franziu o sobrolho, também confuso.

— Talvez uma questão comercial? Ou algo do género?

Valadares balançou a cabeça, sem desviar o olhar do porto, que cintilava ao longe sob o sol.

— É possível... mas não me recordo de qualquer tensão relevante entre Portugal e França nesta época. Nada que justificasse este tipo de aviso.

Enquanto os três se dirigiam para a movimentada zona do Picadeiro — conhecido pelos seus eventos culturais e pela efervescência social da Figueira da Foz oitocentista — a inquietação de Valadares não esmorecia.

— Ainda não faz sentido... — murmurou, lançando um último olhar ao porto, como se esperasse ver ali a resposta.

Sofia, distraída pelas lojas elegantes e pelos cafés que se alinhavam nas ruas adjacentes, comentou.

— Pode ter sido algo que nunca chegou a ser documentado. Há sempre coisas que escapam à História.

O burburinho no Picadeiro aumentava, e entre a multidão em movimento, uma figura destacou-se. Um homem distinto emergiu do vaivém de gente e avançou na direção deles. O gesto que fez — discreto, mas firme — indicava-lhes que o seguissem. A sua postura, confiante e segura, não passou despercebida a Valadares.

Apresentou-se como Daniel. Tinha uma constituição robusta e aparentava cerca de quarenta anos. O cabelo castanho-escuro, cuidadosamente penteado para trás, e a barba curta e bem aparada conferiam-lhe um ar sóbrio. Mas foram os olhos, castanhos e profundos, que realmente se destacaram — carregados de uma sabedoria antiga, como se tivessem visto mais do que seria humanamente possível. Vestia-se com uma elegância prática: um casaco longo de tecido espesso, marcado pelo uso, e botas de couro gasto que denunciavam uma vida passada em constante movimento.

— Não é seguro falarem disso aqui — disse Daniel, com a voz baixa mas firme.

— Venham comigo, precisamos de falar sobre o que vos trouxe até aqui e guardem bem o relógio.

Intrigados e ainda cautelosos, os três seguiram-no por entre as ruas do Picadeiro, onde o movimento se intensificava com as luzes de um local próximo, o Casino Peninsular. Daniel fez uma pausa ao passar pelo casino, observando brevemente a entrada movimentada, onde pessoas de trajas elegantes entravam e saíam. O grupo continuou a seguir Daniel, que parecia conhecer cada rua e atalho da Figueira da Foz como a palma da mão. O rosto de Daniel transmitia uma calma calculada.

Tomás estreitou os olhos, visivelmente intrigado.

— Porque nos mandou guardar o relógio?

Daniel esboçou um sorriso discreto.

— Com essas roupas, não é difícil perceber que são de outra época. O relógio pode atrair a atenção de curiosos. É melhor mantê-lo bem guardado. Mas não se preocupem, estou aqui para vos ajudar.

Fez uma pausa, apontando para o relógio.

— Ouçam-me com atenção. O artefacto que vos trouxe até aqui não é apenas um objeto histórico. É uma chave, capaz de moldar o fluxo temporal. Mas, ao ser reativado, fez mais do que transportar-vos. Ele atraiu atenção... atenção que não desejam.

Tomás não desviou de Daniel.

— Que tipo de atenção? Que tipo de grupos?

Daniel cruzou os braços, fitando cada um deles com intensidade, como se medisse o peso do que estava prestes a revelar.

— A Custódia Temporal. Uma organização secreta, antiga... e implacável. Com raízes que remontam à França revolucionária.

Sofia inclinou-se ligeiramente, os olhos estreitados.

— E o que eles querem com o relógio?

Daniel suspirou, o olhar fixando-se no artefacto, como se ele carregasse o peso de séculos de história.

— Eles acreditam que o relógio deve estar sob o controlo deles. Não sei os motivos exatos, mas é seguro dizer que não será para proteger o tempo.

O silêncio que se seguiu era palpável — a revelação pairava no ar como uma ameaça iminente. O brilho ténue dos símbolos no relógio parecia intensificar-se, como se respondesse, em silêncio, ao perigo que Daniel acabara de anunciar.

Sofia cruzou os braços, visivelmente desconfiada.

— E você? Como sabemos que está do nosso lado?

Daniel ergueu ligeiramente um canto dos lábios, num sorriso sereno.

— Porque, se quisesse ficar com o relógio, já o teria feito.

Valadares, então, perguntou:

— Mas então, por que sabe tanto e nos quer ajudar?

Daniel olhou-os com seriedade e respondeu:

— Porque sou um Guardião. Faço parte de um grupo cuja missão é proteger o relógio, o tempo... e a própria história. Estamos espalhados por diferentes épocas, sempre com um único propósito: garantir que o tempo siga o seu curso natural.

Fez uma pausa, fitando o trio, como se aguardasse uma reação.

— Agora, vocês precisam entender que, ao ativar o relógio, tornaram-se parte disto.

Antes que qualquer um deles pudesse responder, um som agudo chamou a atenção de todos. Uma senhora idosa, com um chapéu ornamentado e um longo vestido de seda creme, observava-os com desdém. Os óculos *pince-nez* equilibravam-se na ponta do nariz afilado enquanto franzia os lábios numa expressão de desagrado. Ao seu lado, um caniche branco, com laços azuis no pelo, ladrava incessantemente, como se ecoasse a opinião da dona.

— Gente com tão mau aspeto... Onde este mundo vai parar?— comentou a senhora, ajeitando o chapéu.

Sofia reprimiu uma gargalhada, mas Tomás apenas desviou o olhar, desconcertado. O caniche continuava a ladrar, quase em sintonia com a indignação da dona.

Daniel inclinou-se discretamente em direção ao grupo, os olhos fixos na multidão ao redor, como se procurasse algo ou alguém.

— É melhor continuarmos esta conversa noutro lugar. Aqui chamamos demasiada atenção.

Guiou-os até uma rua lateral mais discreta, onde o barulho das carroças e das conversas parecia diminuir. O espaço estava delimitado por fachadas de pedra desgastadas, com as janelas ornamentadas por cortinas de renda espessa e bordados tradicionais da época. No ar, o cheiro de pão fresco misturava-se com o aroma de perfume francês que saía discretamente de uma loja próxima, capturando a essência da *Belle Époque*.

Daniel parou junto a um pequeno café com uma varanda de ferro trabalhado, decorada com vasos de flores coloridas. Com uma expressão séria, apontou para a zona próxima do Forte de Santa Catarina, onde a luz suave da tarde refletia no rio Mondego.

— Ali, há um lugar onde podemos falar com mais segurança. É um Nexus, um ponto fixo no tempo.

Tomás franziu o sobrolho, confuso.

— Um Nexus? O que é isso exatamente?

Daniel olhou para ele com uma expressão séria, escolhendo as palavras com cuidado.

— É um local único, onde o tempo é estável. Os viajantes do tempo que eu conheci usavam-no para as suas viagens, porque é seguro e especial.

Valadares acenou lentamente, assimilando a explicação enquanto ajeitava os óculos. Daniel fez sinal para que o seguissem.

— Vamos. Não temos muito tempo.

Caminhando pelas ruas da Figueira da Foz, os olhos dos nossos amigos eram capturados por detalhes arquitetónicos que evocavam o esplendor de outra época.

Edifícios decorados com elementos do estilo *Art Nouveau* destacavam-se entre as fachadas, com varandas de ferro forjado, moldando arabescos e formas sinuosas inspiradas na natureza. Vitrais coloridos refletiam a luz do sol, projetando padrões de flores e curvas orgânicas no empedrado das ruas. Portas com detalhes de madeira entalhada e cornijas ornamentadas pareciam contar histórias de um tempo em que a arte e a elegância se fundiam harmoniosamente no cotidiano.

As ruas da Figueira da Foz envolviam-nos num fascínio quase mágico. Caminhar por uma época tão distante da sua despertava neles uma mistura de espanto e reverência — como se cada detalhe guardasse um segredo do passado.

Valadares ajeitou os óculos, ainda intrigado, pensando no Nexus.

— Um Nexus... — murmurou, mais para si do que para os outros. — Nada disto faz sentido. Viajar no tempo, mudar de cidade no processo... e agora sermos conduzidos a um lugar destes.

Daniel soltou um sorriso, optando por não revelar mais do que o necessário naquele momento.

— Muitas das teorias que estudamos são diferentes da nossa realidade. No Nexus, poderão obter respostas sobre o funcionamento do tempo e do relógio. Agora, venham. Não temos tempo a perder.

Daniel virando-se, cruzou os braços e encarou o grupo.

— Estamos no ano de 1893. A Figueira da Foz desta época é uma cidade em plena transformação, repleta de encontros entre ideias e influências.

Sofia inclinou ligeiramente a cabeça, intrigada.

— Há uma coisa que ainda não percebi... aliás, muitas. Mas porquê este ano e esta cidade? Porquê que ao mexermos no relógio ele nos trouxe exatamente para aqui?

Daniel suspirou, como se já esperasse essa pergunta.

— O relógio não vos trouxe aqui por acaso. Ele estava programado para regressar ao último ponto temporal onde foi ativado. Não foi atualizado desde então. A última viagem aconteceu nesta época e neste lugar.

Tomás examinou o relógio com mais cuidado, os olhos atentos a cada símbolo e mecanismo intrincado, como se tentasse desvendar o seu segredo naquele instante.

— E como é que podemos mudar isso? Escolher outra época, outra cidade?

Daniel aproximou-se e apontou para as gravações no artefacto.

— Estas marcas indicam os pontos de ajuste. Girando esta roda, define-se a cidade. Este anel menor, aqui, ajusta o ano. É preciso precisão, e é essencial garantir que todos estejam em contacto com o relógio no momento da ativação.

Daniel fez uma pausa como se quisesse garantir que compreendiam.

— Para regressarem ao presente, terão de marcar na parte inferior a cidade para onde querem ir e a data. E quando iniciarem a próxima viagem, devem alterar o ano nesta parte superior. Se não o fizerem, o último ano ficará gravado, e, ao ativar o relógio sem mudanças, regressarão exatamente ao ponto de onde partiram.

Sofia cruzou os braços, olhando para o artefacto com uma mistura de fascínio e preocupação

— E se errarmos na configuração?

Daniel encolheu os ombros, mas a seriedade no seu rosto não deixava margem para dúvidas.

— Podem parar numa época completamente errada.

Tomás, ainda absorvendo a ideia de que tinham viajado para outra época, perguntou hesitante:

— Podemos... viajar para qualquer lugar e época?

Daniel assentiu com um leve sorriso.

— Sim, para qualquer época. Mas há épocas mais perigosas do que outras. É importante terem cuidado na escolha que fazem. Cada viagem pode perturbar o equilíbrio do tempo.

Valadares, pensativo, tocou no queixo enquanto pensava.

— Quando chegámos, um militar mencionou tensões com os franceses junto ao porto. O que significa isso? O que estão os franceses a fazer aqui ?

Daniel ergueu ligeiramente as sobrancelhas, com o olhar a endurecer.

— Esses franceses... não são propriamente deste tempo. Estão a seguir os vossos passos — e não vão parar enquanto não recuperarem o relógio.

Sofia arregalou os olhos, cruzando os braços enquanto tentava compreender a gravidade da situação.

— Espera... eles conseguem seguir-nos? Como?

Daniel apontou para o relógio, que ainda repousava na mão de Tomás.

— Eu não sei os pormenores, mas a verdade é que eles têm tecnologia capaz de detetar quando o relógio está a ser utilizado. Sempre que é ativado, deixa um rasto. Eles usam esse rasto para encontrar quem o esteja a usar. É por isso que precisamos ser rápidos e discretos.

Tomás sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— Então estamos a ser perseguidos?

Daniel assentiu gravemente.

— Muito provavelmente. Mas não se preocupem. Quando chegarmos ao Nexus, estamos protegidos.

Daniel fez um gesto discreto, convidando o grupo a aproximar-se de uma porta modesta, quase invisível, encastrada na lateral de um edifício antigo. Empurrou-a com firmeza. Para lá da madeira envelhecida, estendia-se um corredor estreito, iluminado por tochas cujas chamas dançavam ao sabor de correntes de ar ancestrais. As paredes, de pedra toscamente lavrada, ostentavam inscrições que Valadares reconheceu de imediato — latim arcaico entrelaçado com símbolos de culturas há muito esquecidas.

— Este túnel — começou Daniel, a voz ressoando como um sussurro antigo entre as pedras — foi, segundo se diz, construído pelos romanos. Mas isso é apenas parte da verdade. Este lugar... é uma criação de Sirius.

Valadares deteve-se diante de uma inscrição, os olhos a brilharem com a centelha do descobrimento.

— Estas marcas... são fórmulas. Estão a descrever a manipulação de campos magnéticos e linhas temporais. Como é que esse Sirius fez isto?

Daniel sorriu levemente, mas o seu tom era enigmático.

— Essa é a grande questão. Sirius sabia coisas que nem hoje compreendemos completamente. Tudo o que sabemos é que este Nexus e o relógio estão conectados.

Sofia passou os dedos pelas paredes rugosas, sentindo a energia quase palpável ao seu redor.
— É... como se o tempo estivesse vivo neste lugar.

Quando chegaram ao final do túnel, uma grande câmara abriu-se diante deles. No centro, um espelho de água refletia a luz fraca das tochas, criando um brilho etéreo nas paredes. Sobre o espelho, símbolos geométricos fluíam como hologramas, mudando constantemente.

— Este é o Nexus — anunciou Daniel.

Valadares aproximou-se do espelho de água, maravilhado com os padrões em constante movimento.

— Isto é... extraordinário. Nunca imaginei algo assim.

As luzes do Nexus pulsavam com um ritmo inquieto, quase orgânico, como se o próprio espaço respirasse. Cada fulgor ressoava como um batimento cardíaco cósmico, reverberando nas paredes de mármore líquido que ondulavam suavemente, espelhando fragmentos distorcidos de épocas esquecidas.

No coração daquele lugar intemporal, uma figura começou a emergir da luz — uma mulher alta e esguia, envolta num manto etéreo que fluía como névoa encantada. Caminhava descalça, e os seus passos pareciam não tocar o chão, fundindo-se com a harmonia do ambiente. À sua volta, as luzes assumiam tons de dourado profundo e azul-celeste, dançando ao sabor da sua presença.

Os seus olhos, vastos e prateados, refletiam um universo de eras — não como espelhos, mas como portais. No rosto sereno, nenhum traço de emoção, apenas a quietude de quem testemunhou o nascimento e a queda de incontáveis civilizações.

A figura deteve-se diante do grupo, a postura ereta emanando uma autoridade silenciosa, tão antiga como o tempo. Quando falou, a sua voz ecoou como um sussurro de vento entre as colunas de um templo sagrado — baixa, suave, mas carregada de uma força que transcende a carne.

— Bem-vindos ao Nexus. Sou a Guardiã do Tempo. Estou aqui para proteger o tempo e ajudar a manter o seu equilíbrio.

O grupo trocou olhares incertos, tentando absorver o significado daquelas palavras. A Guardiã inclinou ligeiramente a cabeça, os olhos prateados fixos em Tomás.

— Carregar esse relógio é uma enorme responsabilidade. Sirius foi o primeiro a suportar esse peso. Desde então, muitos outros já enfrentaram o mesmo fardo. Agora, é a tua vez de compreender o que isso realmente significa.

Recuou um passo, e a sua voz tornou-se mais profunda, como se ecoasse através do próprio tecido do tempo.

— Este lugar está fora do tempo, é um ponto de equilíbrio onde todas as linhas temporais convergem. É neutro, protegido por forças que transcendem a compreensão humana, um refúgio onde as leis do tempo são preservadas, uma âncora que conecta este local a diferentes pontos do fluxo temporal.

Tomás engoliu em seco e apertou o relógio com força entre as mãos. Sentia o peso das palavras como uma corrente invisível a envolvê-lo, prendendo-o ao destino que agora carregava. Valadares, intrigado e claramente impressionado, aproximou-se da mulher, ajustando os óculos enquanto observava as luzes que dançavam em espirais ao redor.

— Estas linhas... — murmurou ele, apontando para os feixes de luz que se entrelaçavam pelo espaço. — São momentos no tempo, não são? Representações de eventos?

A guardiã virou o olhar para Valadares, e por um instante, parecia que os seus olhos refletiam não apenas a sua figura, mas todo o conhecimento que ele procurava.

— São fragmentos. Ecoam cada decisão, cada ação que molda o fluxo. Este é o lugar onde o tempo se recolhe para se curar das feridas, aqui, não há avanço nem retrocesso — apenas equilíbrio. Enquanto estiverem neste espaço, estão a salvo.

Sofia, desconfiada, deu um passo à frente.

— E o que acontece se o relógio cair nas mãos erradas?

A Guardiã não respondeu de imediato. Em vez disso, avançou lentamente, com os seus passos descalços deixando atrás de si marcas de luz efémera no chão, como cicatrizes no tempo. Quando finalmente falou, o tom da sua voz era quase um sussurro.

— Se o relógio for usado por quem não o compreende, não será apenas o passado que sofrerá... o presente e o futuro também poderão ser apagados.

A Guardiã deu mais um passo e continuou num tom grave.

— Sem o tempo, não há vida. Tudo o que existe é sustentado pelo fluxo temporal. Sem ele, o caos e o vazio tomariam o seu lugar.

As palavras pairaram no ar, carregadas de um peso que nenhum deles podia ignorar. O silêncio que se seguiu foi cortado apenas pelo pulsar rítmico das luzes ao redor, como se o tempo estivesse a prender a respiração junto com eles.

A Guardiã assentiu, os olhos fixos numa esfera dourada que pulsava lentamente.

— Sim. Cada luz é um fragmento do fluxo temporal. Algumas estão a desmoronar-se, e é por isso que vocês estão aqui. O relógio serve para estabilizar esses momentos.

Sofia, ainda desconfiada, avançou novamente, cruzando os braços.

— Mas quem decide quais momentos salvar? E se interferirmos no momento errado?

A Guardiã sorriu levemente, mas o sorriso era tingido de tristeza.

— O tempo não dá respostas claras. Oferece escolhas. E cada escolha tem um custo.

Tomás sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. O silêncio que se seguiu era quase palpável, interrompido apenas pelo suave som da água ondulando no espelho.

Daniel olhou para a Guardiã, então para o grupo, e completou.

— Mas é aqui que aprenderão a decifrar esses sinais. Só no Nexus poderão perceber o que está a desmoronar-se.

A Guardiã fez uma pausa, a gravidade da situação preenchendo o ambiente.

— O tempo é resiliente, mas não indestrutível. Uma alteração na linha errada pode criar uma rutura. E uma vez que essa rutura é aberta, não há como voltar atrás.

Daniel interveio, olhando para o espelho de água com um ar sério.

— O tempo não é uma linha reta. É circular... cheio de fissuras. E essas fissuras estão a aumentar.

Valadares pensou por um momento, refletindo sobre as palavras de Daniel, então perguntou.

— E o que devemos fazer agora?

Daniel inspirou fundo.

— Quando voltarem à vossa época, iniciem a viagem neste local na Figueira da Foz. O Nexus está aqui, com o passar do tempo, ele tornou-se mais discreto. Porém, o lugar será sempre o mesmo. Vamos lá fora, e explico-vos como reconhecê-lo.

Daniel conduziu o grupo para fora, dirigindo-se para uma bem próxima do Forte de Santa Catarina. Apontando para um ponto específico, explicou-lhes detalhadamente como identificar o Nexus na sua época.

Enquanto assimilavam as instruções de Daniel, o som de passos apressados ecoaram nas calçadas de pedra, quebrando a tranquilidade do momento. De repente, tiros foram disparados, forçando-os a procurar abrigo rapidamente. Um homem aproximava-se com uma arma em punho, envergando um casaco comprido de linho branco, colete e calças de corte clássico, típicos da moda do século XIX. O chapéu de aba larga escondia parcialmente o seu rosto, mas os olhos brilhavam com uma expressão determinada e ameaçadora.

Um zumbido metálico atravessou o ar, seguido pelo som inconfundível de uma arma a ser carregada.

— Afastem-se! — gritou Daniel, o rosto endurecendo ao perceber o perigo iminente.

Um disparo rasgou o silêncio, atingindo o muro ao lado deles e espalhando estilhaços. Tomás e Sofia atiraram-se ao chão instintivamente, enquanto Valadares se protegia atrás de um pilar.

— Eles já nos encontraram! — exclamou Sofia, com o coração a bater descontroladamente.

Daniel puxou a sua própria arma e disparou na direção do agressor, obrigando-o a recuar momentaneamente.

— Corram! Voltem para o Nexus! Agora! — ordenou Daniel, apontando na direção da entrada disfarçada por onde tinham passado antes.

— E você? — perguntou Tomás, hesitando.

— Eu vou segurá-lo. Não se preocupem comigo! Protejam o relógio e o tempo. Isso é o mais importante! — Daniel fitou-os por um breve instante, os olhos determinados.

Outro disparo cruzou o ar, atingindo uma carruagem que se encontrava parada nas proximidades, fazendo estilhaços voarem em todas as direções.

Daniel manteve a calma, mas os seus olhos refletiam a gravidade da situação. Com um gesto urgente, apontou para a entrada do Nexus.

— Vão! Não olhem para trás! — ordenou ele com firmeza.

Tomás, Sofia e Valadares hesitaram por um instante, mas Daniel deu um passo em direção a eles e sorriu, um sorriso breve mas cheio de significado.

— Cuidem do relógio... e protejam o tempo. Agora vão!

O grupo não conseguiu responder, engolidos pelo peso da despedida implícita nas suas palavras. Relutantes, levantaram-se e começaram a correr pelas ruas desertas, os passos ecoando como um tambor ritmado pela adrenalina.

Sofia, no entanto, não conseguiu evitar olhar para trás uma última vez. Nesse instante, viu Daniel ser atingido por um disparo certeiro. O corpo dele vacilou, a vida a escorregar-lhe dos olhos, mas ainda assim, numa última demonstração de coragem, levantou o braço e disparou contra o seu agressor. Ambos os corpos caíram quase em simultâneo, como sombras trágicas a serem engolidas pela noite.

— Daniel... — sussurrou Sofia, com o rosto lívido de choque.

Valadares agarrou-lhe o braço, puxando-a para continuar. Um clarão iluminou brevemente o céu acima deles, como se o próprio tempo estivesse a registrar aquele sacrifício. Finalmente, atravessaram a entrada do Nexus. Ao chegarem ao corredor espelhado, pararam, tentando recuperar o fôlego. As paredes pulsavam com uma luz suave, refletindo imagens distorcidas.

Sofia permaneceu imóvel, o olhar vazio fixo na direção de onde tinham vindo. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, enquanto tentava processar o que tinha acabado de presenciar. Valadares aproximou-se, pousando uma mão no ombro dela, também abalado pelo que testemunhara. Tomás baixou o olhar, cerrando os punhos com força, incapaz de encontrar palavras. A tragédia do momento pairava sobre todos, como uma sombra impossível de ignorar.

Tomás encostou-se à parede, passando uma mão pela face num gesto de frustração e tristeza.

— Mal tivemos tempo de o conhecer... e ele deu a vida por nós...

Sem dizer uma palavra, a Guardiã aproximou-se e pousou suavemente a mão no ombro de Sofia. O toque transmitia um conforto sereno, quase como se uma energia tranquilizadora fluísse dela. Sofia não conseguiu conter as lágrimas que começaram a deslizar pelo rosto. A dor era tangível, e o sacrifício de Daniel pairava sobre todos como uma sombra pesada.

— Ele salvou-nos... e agora não sabemos o que fazer sem ele. — sussurrou Sofia, a voz embargada pela emoção.

A Guardiã manteve-se em silêncio, o olhar carregado de compreensão e empatia, deixando que Sofia se reconfortasse naquele momento de luto.

— O sacrifício dele abriu um novo caminho diante de vós. O tempo pode revelar o trilho, mas a decisão de o percorrer será sempre vossa. O destino não está escrito — só vós podeis escolher como atravessar essa porta.

Engoliu em seco, sentindo o peso da responsabilidade aumentar.

— E se escolhermos mal? — perguntou, quebrando o silêncio.

A Guardiã esboçou um pequeno sorriso enigmático.

— As escolhas são feitas tanto com o coração quanto com a razão. Não temam o erro. O tempo oferece novas oportunidades... façam valer cada momento.

O grupo ficou em silêncio, absorvendo as palavras. O sacrifício de Daniel ainda pesava sobre eles, mas agora sentiam uma nova determinação. Sofia limpou uma lágrima e assentiu, a dor ainda presente, mas já transformada em propósito.

— Vamos continuar. Vamos proteger o relógio. E vamos proteger o tempo. — murmurou ela com firmeza.

A Guardiã acenou levemente, e à sua frente, as paredes do Nexus brilharam com reflexos dourados.

Uma passagem começou a formar-se, como se as eras lhes abrissem caminho.

— Então sigam, o tempo não espera por ninguém. — disse ela, num tom sereno mas autoritário.

O grupo manteve-se imóvel por um momento, até Sofia dar um passo em frente. A tristeza no seu rosto misturava-se com uma raiva contida.

— Porquê tanto sacrifício? Quantas vidas ainda serão necessárias para proteger esse equilíbrio?

A Guardiã fitou-a com empatia, com os olhos brilhando com uma luz melancólica.

— Eu não posso impedir essas perdas. Eu sou o tempo. Não interfiro, apenas observo. Vejo os ciclos que se repetem... os mesmos erros, os mesmos sacrifícios e amores perdidos. Eu não posso mudar o destino.

Valadares cruzou os braços, o rosto endurecido.

— Então, é apenas uma testemunha?

A Guardiã inclinou ligeiramente a cabeça.

— Sou a linha do tempo. E o tempo não julga, não pune, não recompensa. Simplesmente existe.

Sofia baixou a cabeça, com o vazio deixado pela morte de Daniel a apertar-lhe o peito. Após um momento, ergueu o olhar e perguntou num sussurro.

— Então... por que estamos aqui?

A Guardiã manteve-se serena, mas o tom da sua voz adquiriu uma leve urgência.

— Porque vocês têm escolha. E isso é algo que o tempo não tem.

Com um gesto, as paredes do Nexus começaram a pulsar. Superfícies espelhadas transformaram-se em janelas vivas, mostrando fragmentos de diferentes épocas, o passado, o futuro e o presente entrelaçados como correntes num rio infinito.

— Ao longo dos séculos, a interferência no fluxo temporal causou fissuras. Sempre que uma delas é ignorada, cresce e ameaça destruir o equilíbrio.

Sofia cruzou os braços, intrigada.

— Então, o nosso papel é corrigir essas fissuras?

A Guardiã assentiu.

— Sim. Podem usar o relógio para viajar a qualquer momento da história. Aqui, no Nexus, conseguem ver onde surgem essas perturbações e viajar até elas para as corrigir.

Sofia cruzou os braços, visivelmente preocupada.

— E agora?

A Guardiã fitou Sofia com serenidade.

— Um ponto crítico está a surgir no final do século XIV. Mas antes de enfrentarem esse desafio, devem regressar à vossa época. A primeira viagem pode ter algumas consequências físicas indesejadas.

Sofia deu um passo à frente, mas hesitou por um momento.

— Se você é a linha do tempo, porque não consegue impedir que estas fissuras aconteçam?

A Guardiã olhou para ela com uma expressão triste.

— Porque eu posso interferir. O tempo precisa de alguém com o poder de escolha para o moldá-lo. O relógio dá-vos esse poder, mas a responsabilidade é vossa.

Valadares perguntou:

— E o criador do relógio também cometeu os mesmos erros do passado ao usá-lo?

A Guardiã assentiu.

— Sabia. Mas acreditava que o relógio poderia corrigir os erros do passado. Foi o seu maior triunfo... e a sua maior falha.

Era hora de regressar. O grupo despediu-se da Guardiã, e Tomás, pegou no relógio, inspirou fundo antes de ajustar novamente os ponteiros para a data atual. Com um clique decisivo, o mecanismo ativou-se. Quando atravessaram a passagem, o grupo sentiu um leve puxão, como se o tempo estivesse a ajustar a sua posição no mundo. A luz dourada do Nexus envolveu-os, dissipando-se gradualmente enquanto o ambiente ao redor se transformava. Num instante, estavam de volta.

Sofia piscou os olhos, tentando ajustar-se à penumbra familiar do gabinete do professor Valadares. Os móveis austeros, as pilhas de livros antigos e o relógio de parede pareciam agora tão banais, quase irreais, em comparação com o brilho etéreo do Nexus do Tempo.

Valadares olhou ao redor, visivelmente aliviado.

— Conseguimos... — murmurou ele, como se não pudesse acreditar completamente.

Tomás passou uma mão pela testa, tentando processar tudo o que tinham vivido.

— Voltámos... Mas o que acontece agora?

Sofia ainda estava a absorver o contraste entre as duas realidades. O som do relógio de parede preenchia o silêncio, marcando o tempo como se tudo fosse apenas mais um dia normal.

Valadares sentou-se lentamente na sua cadeira, como se precisasse de um ponto fixo no meio da tempestade de pensamentos.

— Estamos de volta — murmurou ele, mais para si mesmo do que para os outros.

Tomás pousou o relógio sobre a mesa, encarando-o como se carregasse todo o peso do sacrifício de Daniel. Cruzando os braços enquanto olhava para o chão, claramente perturbado.

O silêncio entre eles era denso, carregado pela memória recente do Nexus e pela responsabilidade que agora carregavam. Foi o professor Valadares quem, por fim, quebrou esse mutismo:

— O melhor é não fazermos nada por agora. Vamos esperar alguns dias. Precisamos de investigar mais sobre o relógio, o Nexus... e a Custódia Temporal. É demasiada informação para digerir de uma só vez.

Despediu-se em seguida, e cada um seguiu o seu caminho. Os dias que se seguiram passaram-se como sob um nevoeiro. Todos se recolheram aos seus próprios pensamentos, tentando assimilar o que haviam presenciado — e o verdadeiro peso daquela nova missão.

No fim de semana seguinte, Sofia e Tomás regressaram à Figueira da Foz. Sofia foi jantar a casa de Tomás, aproveitando a ausência dos pais dele, que se encontravam em viagem. Mais tarde, sentou-se na varanda, onde o som ritmado das ondas a quebrarem contra as rochas oferecia uma tranquilidade ilusória. O céu dourado, que se fundia com o Atlântico, refletia uma calma aparente — mas, na sua mente, reinava um turbilhão de ideias e inquietações.

Tomás surgiu com dois cappuccinos e aproximou-se, sentando-se a seu lado.

— Parece... irreal, não é? — disse ele, entregando-lhe uma das canecas.

Sofia soltou um leve suspiro antes de responder, um sorriso melancólico a curvar-lhe ligeiramente os lábios.

— Mais real do que eu gostaria. Não consigo parar de pensar no que a Guardiã disse... e no Daniel.

Os olhos dela perderam-se no horizonte, enquanto o vento marítimo lhe brincava com os cabelos e trazia o aroma salgado. O cappuccino arrefecia nas suas mãos, ignorado. O silêncio entre os dois prolongou-se, preenchido apenas pelo sussurro das ondas e o assobio do vento. Sofia manteve o olhar fixo no mar.

Minutos depois, já dentro de casa, Tomás recolhia a loiça do jantar. O ambiente acolhedor parecia, no entanto, tingido por uma inquietação muda — como se cada canto guardasse as palavras que ambos evitavam dizer. O tique-taque do relógio de parede fazia-se ouvir ao fundo, marcando cada segundo como uma lembrança silenciosa de que, no fim, o tempo nunca para.

De súbito, a campainha tocou, ecoando pela casa e quebrando a serenidade. Tomás ergueu-se, ainda meio absorto, e dirigiu-se à porta.

— Miguel? — exclamou, surpreso.

À porta estava Miguel, com o seu sorriso habitual e um saco de bolos de uma pastelaria local na mão. Alto, robusto, de rosto redondo e expressão sempre animada, Miguel segurava um saco de papel castanho como se fosse um presente.

— Trouxe comida. Pelo teu ar, achei que precisavas — brincou, entrando com a mesma naturalidade de sempre.

Tomás deixou escapar um pequeno sorriso, embora a inquietação ainda fosse visível.

— Fica à vontade, Miguel.

O amigo ergueu o saco como se fosse um troféu. Um aroma doce começou a espalhar-se pela divisão, anunciando a sua chegada antes que dissesse mais alguma coisa. Tomás sorriu, sentindo um alívio momentâneo a instalar-se.

Miguel, natural da Figueira da Foz e colega de curso na área da História, frequentava a Universidade de Coimbra. Com a sua paixão pela História e o hábito recorrente de aparecer com comida, era uma presença tão reconfortante quanto previsível.

— Bolos, Miguel? Estás a tentar subornar-nos com açúcar? Pois bem... suborno aceite! — brincou Tomás.

Miguel entrou, soltando uma gargalhada sonora, e pousou o saco de papel sobre a mesa com um gesto teatral.

— Tens muita sorte em ter-me como amigo. Não é qualquer um que se dá ao trabalho de ser historiador, cozinheiro amador e super-herói dos momentos de tédio — disse, antes de reparar na presença de Sofia, que o observava de relance, avaliando com um sorriso subtil a sua entrada triunfal.

— Espero não estar a interromper — disse Miguel, voltando-se para Tomás com um sorriso travesso nos lábios.

Sofia cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha, entre o ceticismo e a curiosidade.

— Miguel... o que estás aqui a fazer?

Miguel suspirou antes de se deixar cair numa cadeira junto à mesa. Pegou num dos bolos do saco e deu-lhe uma dentada generosa, demorando-se no sabor antes de responder.

— O Tomás ligou-me. Contou-me que... viajaram no tempo — disse ele, pousando o bolo no prato com um gesto lento. Depois, virou-se para Tomás.

— Estive a pensar em tudo o que disseste... sobre o relógio, o Nexus... e o Daniel. Sei que parece loucura, mas não consegui tirar isso da cabeça.

Tomás assentiu em silêncio.

— Também não é algo que se consiga esquecer com facilidade.

Miguel passou a mão pelos cabelos, os olhos fixos no amigo.

— Desde que me contaste... é como se o tempo à minha volta tivesse mudado. Como se tudo o resto tivesse deixado de importar.

Sofia, ainda cautelosa, mas já menos tensa, suavizou o olhar.

— Então... estás aqui para ajudar? — perguntou, a voz mais baixa, quase esperançosa.

Miguel anuiu com um leve sorriso, antes de finalmente dar uma dentada no bolo.

— Não sei exatamente como posso ajudar, mas sei que não consigo ficar de braços cruzados. Se o relógio e o Nexus são assim tão importantes, então quero fazer parte disto.

Tomás tomou da palavra e fez sinal para que fossem todos até à sala.

— Bom, já que estás aqui e queres ajudar, acho que podemos começar por pôr-te a par de tudo... com mais pormenores.

Sentaram-se na sala de estar, onde o relógio e o manuscrito repousavam sobre a mesa de centro — imóveis, mas quase vigilantes, como testemunhas silenciosas do que estava por vir. Sofia e Tomás alternavam a palavra, explicando a Miguel os detalhes que ainda desconhecia: o ponto crítico no século XIV, as palavras da Guardiã no Nexus, e a missão que agora os ligava — uma missão que podia alterar o próprio curso da História. Miguel mantinha os olhos fixos no relógio, como se tentasse desvendar os seus segredos ocultos. Quando Tomás terminou de explicar, ele franziu o sobrolho.

— Então, o próximo passo é viajar no tempo outra vez?

Sofia assentiu, o rosto tenso.

— Sim. Mas precisamos estar preparados. Não fazemos ideia do que nos espera nem de como isso nos pode afetar.

Miguel inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Bem, parece que estamos a entrar numa guerra contra o próprio tempo.

O silêncio instalou-se por alguns segundos, até que Miguel tentou quebrar a tensão.

— Mas ainda estou um bocado perdido. Quem é essa guardiã de que falaram?

Tomás trocou um olhar com Sofia antes de responder, hesitante.

— Vais saber quando for necessário, Miguel.

Sofia inclinou-se ligeiramente, o olhar fixo no relógio.

— Precisamos de decidir qual será o próximo passo. O tempo não espera, e as palavras da Guardiã deixaram isso bem claro.

Tomás levantou-se e olhou para os amigos com determinação.

— Então vamos começar a planear. Se aprendemos alguma coisa recentemente, é que o tempo não espera. Mas isso não significa que não possamos lutar por ele.

A sala mergulhava numa penumbra acolhedora, as paredes forradas de livros antigos como sentinelas silenciosas. O cheiro de papel envelhecido misturava-se com o aroma quente do café acabado de fazer, criando uma atmosfera quase intemporal. No entanto, apesar daquela serenidade enganadora, Miguel não conseguia afastar a estranha sensação de que algo — ou alguém — os observava.

Havia uma energia invisível a emanar do pequeno artefacto prateado sobre a mesa, uma presença muda que pesava no ar. Miguel quebrou o silêncio com um comentário que pretendia leve, mas a tensão na sua voz traía a tentativa de descontração.

— Parece que esta conversa está a ficar séria.

Tomás cruzou os braços, desviando o olhar do relógio para Sofia e Miguel.

— É verdade — disse com gravidade. — Está muito em jogo.

Miguel sentiu o peso do momento. A tensão na sala parecia condensar o próprio tempo.

— Não estão sozinhos nisto.

Sofia inclinou-se para a frente, o olhar cravado no relógio.

— Precisamos de ajustar o ponto de partida. A última viagem teve efeitos físicos... náuseas, dores. Não podemos repetir os mesmos erros.

Tomás acenou, recordando o desconforto.

Miguel, com um bolo na mão a meio, olhou para ambos.

— Certo... qual é o plano?

— A Figueira da Foz — respondeu Sofia. — Foi aqui que tudo começou. Aqui está o Nexus. Faz sentido partirmos daqui.

Miguel recostou-se no sofá, processando tudo.

— Mas... para onde e quando?

Sofia não hesitou. A resposta surgiu com a clareza de quem já a vinha maturando em silêncio.

— Para o século XIV. A Guardiã mostrou-nos um ponto crítico. Um erro que temos de corrigir.

Tomás fitou Miguel, decidido.

— E vais connosco.

Miguel arqueou uma sobrancelha, entre o espanto e o riso nervoso.

— Eu?

Tomás esboçou um leve sorriso, mas o tom da sua voz manteve-se sério.

— Precisamos de alguém em quem possamos confiar.

Miguel hesitou. Por um instante, o tempo pareceu dilatar-se, como se o momento exigisse mais do que uma resposta. Viu-se a processar mil pensamentos, mas bastou o olhar de Tomás — firme, leal — para desfazer a dúvida.

— Certo. Vamos a isso.

Sofia inclinou-se para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, o olhar fixo no relógio sobre a mesa.

— Vamos precisar de nos preparar. Não sabemos o que o que encontrar desta vez, mas temos que estar prontos.

Miguel olhou para ela, percebendo pela expressão séria que a aventura que o aguardava estava longe de ser simples.

— E o que é que significa estar pronto? — perguntou, a voz mais baixa do que pretendia.

Tomás respondeu, o tom mais grave do que antes:

— Significa que desta vez não basta coragem. Vamos precisar de estratégia.

Começaram então a planear. Palavras cruzavam-se entre mapas, datas e possibilidades. Mas por detrás de cada frase, cada sugestão, havia algo mais profundo: uma aliança silenciosa que se fortalecia. Como se, mesmo sem o dizerem, soubessem que estavam prestes a tornar-se não apenas viajantes do tempo, mas guardiões do próprio fio da história.

Enquanto riam e partilhavam uns copos, a tensão que ainda pairava no ar começou a dissipar-se, diluindo-se na leveza cúmplice daquele instante. As gargalhadas prolongaram-se por mais alguns momentos, até que, gradualmente, o silêncio foi-se impondo. Tomás ergueu o copo, e um sorriso sereno desenhou-se-lhe no rosto.

— Ao Daniel. E ao que ainda nos espera.

Os outros assentiram em silêncio, e por breves instantes, o ambiente transfigurou-se — da alegria efémera para a gravidade do que estava por vir. O brilho ténue do relógio, repousado sobre a mesa, refletia nas suas faces como um presságio silencioso da missão que ainda os aguardava.

Tomás pousou o copo com firmeza. Os olhos, cintilantes de decisão, revelavam que algo se acendera dentro dele.

— Não podemos esperar mais. É agora ou nunca. Precisamos de agir imediatamente.

Sofia levantou o olhar, o sobrolho franzido pela surpresa.

— Agir agora? Mas pensámos esperar pelo professor Valadares para compreendermos melhor o funcionamento das viagens. Foi isso que combinámos.

Tomás inclinou-se, a voz carregada de urgência.

— O Daniel mostrou-nos o local exato do Nexus do Tempo. Se quisermos encontrar a Guardiã ainda lá — como em 1893 — temos de ir já. Cada segundo conta.

Miguel, que até então brincava distraidamente com o seu copo, arqueou uma sobrancelha.

— E o relógio? Vamos precisar dele, ou basta irmos até esse tal Nexus? Será que conseguimos viajar apenas por lá?

Tomás assentiu.

— Sim, vamos precisar dele. Mas só o vamos usar quando estivermos no Nexus.

Sofia respirou fundo, visivelmente contrariada.

— Entendo a tua pressa, Tomás, mas isto é um risco. O professor pediu-nos que esperássemos. Está a tentar perceber melhor o manuscrito, o relógio... e a Custódia. Não devíamos agir por impulso.

Tomás cruzou os braços, firme.

— E se esperarmos demais? E se for tarde?

O silêncio instalou-se por um instante. Sofia balançou a cabeça, ponderando.

— Tens razão em parte. Mas se algo correr mal, Valadares não estará lá para nos salvar.

Fez uma pausa, olhando-os nos olhos.

— Se formos, tem de ser com cautela. Não podemos brincar com o tempo.

Miguel levantou-se.

— Acho que a decisão está tomada. Vamos.

A urgência de Tomás venceu a hesitação. Num ápice, reuniram o essencial e saíram para a noite. A lua cheia derramava uma luz pálida sobre a Figueira da Foz, guiando-os pelas ruas desertas. O vento carregava o sal do mar, e o som distante das ondas parecia acompanhar os seus passos.

Avançaram pelas pedras irregulares até ao trilho escondido entre as rochas — aquele que Daniel lhes tinha mostrado.

— Será que é aqui mesmo? — murmurou Miguel, inquieto com as sombras ao redor.

Tomás olhou por cima do ombro, com um meio sorriso confiante.

— Certas coisas nunca mudam. O Daniel ensinou-nos bem.

Continuaram em silêncio até chegarem a um recanto discreto. A água brilhava suavemente, refletindo as estrelas com um fulgor sobrenatural.

— É ali — disse Tomás, apontando com a cabeça. — Impossível esquecer.

Os três se aproximaram cautelosamente. Miguel ficou para trás por um momento, com os olhos arregalados enquanto tentava compreender o que via.

— Então, isto é... o Nexus?

— Ainda não — respondeu Sofia, ajustando o casaco contra o frio.

— Isto é só a entrada. Mas prepara-te... a próxima parte pode ser... desorientadora.

Tomás olhou para os dois.

— Estamos prontos?

Sofia assentiu, determinada, enquanto Miguel suspirava profundamente.

— Prontos ou não, já estamos aqui.

Estavam novamente no corredor cintilante do Nexus, com as suas paredes de pedra sólida e inscrições antigas brilhando como se estivessem vivas. A energia do local parecia vibrar à volta deles, preenchendo-os com uma mistura de assombro e respeito.

E lá estava ela, a Guardiã, esperando pacientemente, com uma presença tão imponente quanto serena. A sua voz ecoou com uma calma sobrenatural.

— Voltaram e trouxeram ajuda.

Sofia deu um passo à frente, sem hesitar.

— Sim, voltamos e trouxemos o Miguel. Vai ajudar-nos a corrigir as fissuras do tempo.

Miguel, um pouco tímido, deu um pequeno passo à frente, os olhos a observarem tudo ao seu redor com curiosidade.

— Olá — murmurou, quase em um sussurro, enquanto acenava discretamente.

A Guardiã voltou-se para ele e inclinou ligeiramente a cabeça.

— Bem-vindo, Miguel. A responsabilidade de cuidar do tempo é enorme, mas juntos serão mais fortes. O tempo está sempre em movimento, mas há pontos onde ele sangra. Posso mostrar-vos um desses pontos... mas a decisão de como agir será apenas vossa.

As paredes do Nexus começaram a pulsar suavemente, emitindo uma luz oscilante que preenchia o corredor com uma energia quase palpável. Pouco a pouco, a superfície reflexiva transformou-se numa janela para outra época.

— Este é o ponto onde o tempo clama por reparação. — Há uma fissura aqui, uma dissonância que ameaça a estabilidade da linha temporal — disse, cada palavra a cair como pedra em água parada.

Tomás engoliu em seco, incapaz de desviar os olhos da visão diante de si.

— Como podemos reparar isto? — perguntou com a voz hesitante, mas determinada.

A Guardiã estendeu a mão, e a imagem mudou para mostrar a Sé Velha de Coimbra, envolta numa luz ténue e quase divina.

— A linha pode ser corrigida através de um ato simples, mas essencial. Na Sé Velha, deverão depositar esta pedra do Cabo Mondego — Na sua palma apareceu uma pequena pedra de aparência comum.

Miguel franziu o sobrolho, observando a pedra com ceticismo.

— Parece... simples demais para algo tão importante.

Sofia, ainda em dúvida, inclinou-se para a frente e perguntou:

— Porquê uma pedra do Cabo Mondego? O que a torna tão especial?

A Guardiã fixou os olhos nela, com uma expressão séria.

— As maiores mudanças começam em gestos simples, mas a Pedra do Cabo Mondego tem características únicas. Serve como uma espécie de bateria temporal, ajudando a acalmar o fluxo do tempo e estabilizar as fissuras. Mas lembrem-se, não podem interagir com ninguém. Cada palavra, cada gesto fora de lugar, pode criar consequências irreparáveis.

Sofia, Tomás e Miguel responderam com um aceno silencioso, partilhando a certeza que já não precisavam de palavras.

— Estamos prontos — disse Sofia, a voz firme.

A Guardiã esboçou um leve sorriso.

— Então avancem. A próxima página está prestes a escrever-se

E, mais uma vez, prepararam-se para viajar no tempo — Tomás e Sofia com a firmeza de quem já conhecia o peso da travessia. Miguel, com a inquietude de quem pisa o desconhecido pela primeira vez.

Apesar dos alertas de Valadares para que não viajassem no tempo antes de compreenderem melhor as implicações, Tomás e Miguel estavam decididos a seguir em frente. A hesitação de Sofia contrastava com a curiosidade insaciável de Miguel, que, desde que entrara no Nexus do Tempo, não conseguia disfarçar o entusiasmo.

— Não achas que o Valadares tem razão? — perguntou Sofia, ajustando a capa que cobria o casaco, numa tentativa de disfarçar as roupas de outra época que traziam, enquanto o ambiente do Nexus os envolvia.

Tomás hesitou por um momento, o olhar fixo no horizonte.

— Talvez. Mas ele não está aqui para nos impedir... E ainda assim, algo dentro de mim diz que temos que ir.

Era uma viagem no tempo para uma cidade que Miguel conhecia como a palma da sua mão. Antes de ajustar o relógio, os três prepararam-se com cuidado para a viagem. Usavam capas largas, preparadas para garantir discrição em qualquer época, disfarçando as roupas contemporâneas e dando-lhes um ar mais autêntico, como se fizessem parte do século XIV em Coimbra.

Tomás segurou firmemente o relógio, com o mostrador já ajustado o destino. Sentiu uma leve vibração, como se o artefacto reagisse à decisão tomada. Sofia e Miguel aproximaram-se dele, cada um segurando um dos seus braços. As expressões, tensas mas resolutas, diziam tudo.

— Precisamos de nos manter juntos, ou arriscamos separar-nos no tempo — disse Tomás, apertando o relógio com força.

Sofia assentiu, apertando ainda mais o braço de Tomás.

— Não largues, seja o que for que aconteça.

Miguel, tentando esconder o nervosismo, forçou um sorriso e agarrou-se ao outro braço de Tomás.

— Bem, é tarde para voltar atrás, não?

O relógio brilhou intensamente, respondendo à pressão exercida. O portal começou a formar-se diante deles, ondas de luz dourada a expandirem-se como um lago perturbado, preenchendo o espaço com um brilho vibrante e cheio de vida. Atravessaram a barreira luminosa, sentindo uma força irresistível a envolver-lhes o corpo. A sensação era ao mesmo tempo estranha e familiar, como se cada partícula do seu ser fosse desfeita e depois reconstruída, ligeiramente alterada, como uma memória reescrita. À medida que a luz do Nexus se dissipava, uma rajada de vento frio envolveu os três.

Tomás, Miguel e Sofia abriram os olhos, encontrando-se no topo de uma colina que oferecia uma vista deslumbrante e inquietante de Coimbra. A cidade diante deles parecia saída de uma pintura medieval, com a serenidade e o mistério do passado a pairar no ar.

A cidade abaixo deles era ao mesmo tempo familiar e estranha. A silhueta da Sé Velha erguia-se imponente contra um céu cinzento, envolto em nuvens carregadas. Não havia sinais de modernidade, nada de carros, ruas pavimentadas ou estruturas contemporâneas. Apenas um labirinto de edifícios de pedra, telhados de barro e ruelas apertadas que se cruzavam como veias numa cidade viva.

O som de sinos distantes ecoava pelo ar, misturando-se com o rumor de vozes e o relinchar de cavalos. Miguel foi o primeiro a romper o silêncio:

— Isto... isto é mesmo real? — A voz tremia-lhe, os olhos fixos na cidade que se estendia abaixo.

Sofia abraçou-se instintivamente contra o vento frio, os olhos a varrerem cada detalhe.
— É real. Estamos aqui... no século XIV.

Tomás respirou fundo, sentindo o peso do relógio no bolso como uma âncora entre os tempos.
— Vamos descer. Temos trabalho a fazer.

Miguel levou as mãos à cabeça, os olhos a brilhar com uma mistura de euforia e incredulidade.
— Isto é... Coimbra! Mas esta... esta é a Coimbra medieval! Eu vivo aqui, conheço cada rua, estudei tanto sobre a sua história... mas agora... estou no passado! A ver tudo com os meus próprios olhos!

Para Miguel, que conhecia a cidade moderna como quem conhece os contornos da própria casa, o que via era quase irreal. As pedras que calcorreava no século XXI estavam agora diante dele — vivas, brutas, carregadas de um passado que antes só existia nos livros.

Sofia sorriu, partilhando o entusiasmo de Miguel, embora o cheiro acre no ar começasse a revirar-lhe o estômago. Era como se cada inspiração trouxesse consigo uma mistura de madeira queimada, terra encharcada e algo mais denso e pútrido, que tornava o ar quase palpável.

— É inacreditável. Parece... parece outro mundo — murmurou, apertando a capa instintivamente, como se o tecido espesso pudesse protegê-la daquele ambiente hostil.

Tomás, dividido entre o fascínio e o desconforto, apontou para um grupo de pessoas que descia por uma estrada lamacenta.

— Vejam as roupas deles. São tão diferentes... e tão gastas.

Os trajes, feitos de tecidos ásperos, estavam remendados em vários sítios. Alguns usavam capuzes para se protegerem do frio, outros embrulhavam-se em panos puídos, que mal lhes cobriam os corpos. Caminhavam com passos pesados, os rostos pálidos, os olhos fundos — como se carregassem o fado de uma vida demasiado dura. E era claro, na maneira como se moviam, que as dificuldades que enfrentavam iam muito além do físico.

A Peste Negra parecia entranhar-se em cada curva da cidade, como um manto invisível e opressor. Miguel aproximou-se da beira da colina, os olhos fixos na cidade que se estendia diante deles.

— As cores são tão diferentes... Não há placas, nem sinais, apenas bandeiras e panos pendurados. É tudo mais... orgânico, mais cru.

Ao longe, bandeiras negras com cruces vermelhas — símbolos de fé e proteção contra o flagelo — balançavam ao vento com uma lentidão pesada. Era impossível ignorar o contraste entre os tecidos escuros e os tons ocre das pedras da cidade, que pareciam absorver e devolver a própria melancolia do tempo.

Sofia apontou para um mercado improvisado, encostado às muralhas. Algumas barracas de madeira erguiam-se de forma precária, protegidas por lonas remendadas.

— Olhem para ali... parece o mercado. Mas não há quase nada para vender.

De facto, as bancas estavam quase vazias. Alguns comerciantes ofereciam ramos de ervas, lenha, ou pequenos cestos com pão endurecido. A fome desenhava-se nos rostos dos poucos que ali circulavam, gesticulando lentamente, como se até o ato de negociar lhes roubasse força.

— Nem alegria se encontra — murmurou Tomás, franzindo o nariz. — E o cheiro... é horrível.

O odor era inconfundível: morte e decomposição misturavam-se com o fumo da lenha, o cheiro acre de fezes de animais, e o esgoto que serpenteava a céu aberto pelas vielas. Sofia levou a mão ao rosto, tentando abafar o fedor que se entranhava em cada respiração. Ao longe, o sino da Torre de Almedina começou a soar. O seu toque grave ecoou pelas colinas, como um aviso fúnebre de que mais um dia de miséria tinha começado.

— Acham que o sino toca pelos mortos? — perguntou Miguel, a voz mais baixa do que o habitual.

— Ou por aqueles que ainda vivem, mas não sabem se vão sobreviver ao próximo dia — respondeu Sofia, os olhos fixos nas ruas que desciam até à Sé Velha.

Tomás, mais pragmático, tirou o relógio do bolso e olhou para os outros.

— Vamos. Não podemos perder tempo. Quanto mais cedo fizermos o que viemos fazer, mais cedo saímos daqui.

— É assim que eles viviam... Não é nada como imaginamos nos livros.— disse Sofia.

Miguel olhou para os amigos, tentando manter o tom positivo.

— É verdade, é difícil, mas é a história real. Isto... é viver aquilo que estudamos.

Tomás arregalou os olhos, fixando-se nas vielas estreitas que se adensavam à medida que se aproximavam do centro histórico, cada curva sugerindo segredos sepultados no tempo.

— Ainda assim, não podemos deixar que a história nos distraia. Temos uma missão.

Sofia assentiu, apertando a pequena pedra do Cabo Mondego entre as mãos.

— Certo. Colocamos a pedra na Sé Velha e saímos sem falar com ninguém.

O trio desceu a colina e aproximou-se das muralhas da cidade. O som de carruagens de madeira, vozes roucas e o choro de crianças ecoava ao longe. Perto da entrada, guardas armados com lanças observavam quem entrava, mas a sua atenção parecia dispersa, mais voltada para as próprias dores e desconfortos.

Ao cruzarem os portões, Miguel não conseguiu conter um suspiro de admiração.

— As muralhas... São muito mais impressionantes do que eu imaginava. E aquelas torres...!

Tomás deu uma cotovelada leve em Miguel.

— Concentra-te. Não estamos aqui como turistas.

— Eu sei, eu sei... — murmurou Miguel, sem conseguir desviar os olhos da arquitetura e da vida que fervilhava ao redor.

À medida que avançavam pelas ruas, o peso da época começava a cair sobre eles como uma névoa densa. O chão estava coberto de lama misturada com palha, e o odor pungente de carne em decomposição tornava-se cada vez mais intenso.

Passavam por figuras encurvadas pela doença, com feridas abertas nos braços e rostos desfigurados. Alguns protegiam-se com panos amarrados à volta da boca e do nariz, mas outros tossiam livremente, lançando no ar partículas invisíveis e ameaçadoras.

Sofia sentiu um nó apertar-se-lhe na garganta ao ver uma mulher carregando uma criança nos braços — o pequeno corpo imóvel, os olhos fechados num silêncio irreversível.

O rosto da mulher estava sulcado pela dor e pelo cansaço, mas foi o olhar vazio que, por um instante apenas, se cruzou com o de Sofia, e a fez estremecer. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, obrigando-a a desviar rapidamente o olhar — como se temesse encarar, por mais tempo, a crueza daquela realidade.

— Isto é... insuportável — murmurou ela, com a voz trémula, quase inaudível.

Tomás colocou uma mão reconfortante no ombro dela, inclinando-se ligeiramente para olhar para o rosto pálido da amiga.

— Estamos aqui para ajudar. Não te esqueças disso.

Sofia assentiu lentamente, mas as palavras dele não dissiparam o turbilhão que se formava na sua mente. Era uma mulher da ciência — da Física — alguém que sempre acreditara no racional, no mensurável, na ordem intrínseca do universo. No entanto, ali... nada parecia obedecer a qualquer lógica.

— É como se estivéssemos a interferir numa equação complexa... mas sem conhecer todas as variáveis — murmurou Sofia, quase para si mesma.

Levantou a mão à testa, sentindo o suor frio a acumular-se. O odor nauseabundo — mistura de podridão, fumo e miséria — parecia intensificar-se com cada palavra que proferia.

— Sofia, estás bem? — perguntou Tomás, preocupado.

Antes que pudesse responder, a lógica da física deu lugar à reação humana. O enjoo tornou-se insuportável. Cambaleou, e logo se inclinou para o lado, vencida pela náusea, o corpo a rejeitar o mundo ao seu redor.

Tomás aproximou-se rapidamente, colocando uma mão nas costas dela para a apoiar.

— Respira fundo. Só respira.

Miguel observava a cena a curta distância, visivelmente desconfortável, sem saber como agir. Sofia endireitou-se com esforço. Tomás estendeu-lhe um lenço, que ela usou para limpar a boca, os gestos tensos mas contidos.

— Desculpem — murmurou, a voz débil, tentando recuperar a compostura.

— Só... só preciso de um momento.

Tomás abanou a cabeça, com um gesto tranquilizador.

— Não tens de pedir desculpa. Este lugar... não é fácil para ninguém.

Sofia olhou para ele. Nos seus olhos brilhava uma centelha de vulnerabilidade... e algo mais — uma firmeza silenciosa.

— Não podemos ceder. O que está a acontecer aqui... é maior do que nós.

Tomás trocou um olhar com Miguel, antes de voltar a fixar os olhos em Sofia.

— Por isso é que temos de continuar.

Sofia respirou fundo, tentando afastar da mente o peso que a sufocava. Por fim, assentiu, pousando as mãos nos joelhos enquanto procurava recuperar o equilíbrio.

— Certo. Vamos continuar.

Sofia apertou a pedra em suas mãos, como se procurasse força.

— Vamos acabar com isto o mais rápido possível. A Sé Velha está ali.

Continuaram a caminhar em direção à velha igreja, misturando-se entre os transeuntes, procurando não atrair olhares nem provocar suspeitas. A missão era simples — colocar a pedra e sair antes que algo pudesse correr mal — mas o mundo em redor parecia conspirar contra a simplicidade do gesto. Avistaram a Sé Velha ao longe, imponente e silenciosa, com a sua fachada austera erguida contra o céu cinzento. Não havia sido dito que fosse ali, não havia mapa ou marca a indicar aquele exato lugar. E, no entanto, algo os atraía para ali — como se aquela antiga casa de pedra, carregada de séculos, pedisse por silêncio e redenção.

Tomás abrandou o passo, sentindo o peso da decisão crescer dentro de si.

— É ali — murmurou. — Não porque tenha de ser... mas porque faz sentido.

Sofia assentiu, como se as palavras dele ressoassem com um pensamento já nascido nela. Miguel observou o templo em silêncio, deixando que o instinto falasse mais alto do que a razão. Nenhum deles sabia explicar porquê. Mas havia, naquela igreja, um eco do tempo — uma vibração antiga, quase invisível, que parecia entrelaçar-se com a missão que traziam nas mãos. E assim, como se seguissem um fio invisível tecido pela Guardiã, avançaram.

Cada ruela por onde passavam murmurava histórias de dor, de fé e de resistência. Os olhares das pessoas, baços e enigmáticos, pareciam trazer séculos de sofrimento nos ombros. Até o vento, que soprava entre as casas de pedra, parecia carregar segredos antigos, sussurrando advertências que ninguém ousava interpretar. Ao longe, os sinos da Sé Velha soaram com um peso solene, como se chamassem por eles — ou os avisassem. Cada toque ressoava com a força de séculos, lembrando-lhes que o tempo, por mais que parecesse suspenso, nunca parava.

Enquanto avançavam pelas ruas estreitas e sombrias de Coimbra, o cenário à sua volta tornava-se num estranho mosaico de vida e morte — sombras que respiravam, passos que ecoavam como memórias, e rostos que pareciam surgir de um sonho ou de uma prece esquecida. Um padre com uma expressão grave estava parado à entrada de uma pequena capela improvisada. Recitava orações fervorosas, com uma voz rouca e cansada, enquanto borrifava água benta sobre um pequeno grupo de pessoas ajoelhadas à sua frente.

— Que o Senhor tenha piedade das vossas almas e vos livre desta praga — dizia ele, os olhos semicerrados em profunda devoção.

Tomás parou por um instante para observar a cena, mas Sofia deu-lhe um leve empurrão no braço.

— Não podemos perder tempo — sussurrou ela, tentando manter o foco na missão.

Mais adiante, o som de passos apressados chamou-lhes a atenção. Um homem corpulento, de roupas rasgadas e manchadas, corria desalmadamente atrás de um porco que fugira da sua prisão improvisada.

— Volta aqui, seu desgraçado! — gritou ele, mas o porco, ágil, esquivou-se por um beco estreito, desaparecendo num instante.

Miguel, que vinha logo atrás, soltou uma gargalhada, incapaz de conter a alegria que sentia ao presenciar aquela cena inusitada.

— Isto é surreal. Uma mistura de tragédia e comédia...

— Não é tão divertido quando sentes o cheiro dela — murmurou Tomás, franzindo o nariz enquanto passavam por um monte de lixo atirado na rua, misturado com restos de comida e outros detritos.

Sofia lançou um olhar a Miguel, que seguia radiante — a pedra do Cabo Mondego guardada no bolso — como se o peso simbólico da missão não o tocasse. Pelo contrário, parecia encantado com tudo à sua volta.

— Tens mesmo a certeza de que ele devia ser o responsável por levar a pedra? — murmurou Sofia para Tomás, enquanto apontava discretamente para Miguel, que admirava a fachada musgosa de uma casa de pedra.

— Ele está comprometido — respondeu Tomás, com um leve sorriso. — Além disso, nunca o vi tão feliz. Esta é a maior aventura da vida dele.

Ao dobrar uma esquina, encontraram algo que quase os fez esquecer a miséria ao redor. Duas crianças, vestidas com roupas remendadas, brincavam na lama com uma bola de pano.

O riso delas ecoava pela rua, uma alegria pura e sincera que parecia desafiar o ambiente sombrio em que viviam. Uma das crianças, uma menina de cabelo desganhado, parou de brincar e olhou diretamente para o trio. Acenou timidamente e abriu um sorriso, com os dentes faltando aqui e ali.

Sofia sorriu de volta, quase esquecendo por um momento o cheiro, o caos e a urgência da missão.

— Mesmo aqui, as crianças ainda encontram um motivo para rir.

Miguel inclinou-se ligeiramente na direção dela, sussurrando:

— Acho que é o que nos mantém vivos, não é? A capacidade de encontrar luz, mesmo na escuridão.

Tomás acenou com a cabeça em silêncio, enquanto os sinos da Sé Velha tocavam novamente, trazendo-os de volta à realidade.

— Estamos quase lá — disse ele, olhando para o alto, onde a igreja se erguia como uma sentinela do tempo.

Com cada passo em direção à Sé Velha, o peso da missão intensificava-se, misturando-se com a fascinação silenciosa que o lugar lhes impunha. Era mais do que um edifício antigo — era um símbolo vivo, imerso no tempo, carregado de ecos e silêncios que pareciam sussurrar-lhes ao ouvido. Sabiam que não podiam falhar. O equilíbrio do tempo dependia daquele instante.

Quando chegaram à igreja, impunha-se diante deles com a sua austeridade imponente. As portas de madeira maciça estavam entreabertas, e um canto longínquo ecoava lá dentro, fundindo-se com o toque grave dos sinos que pendiam do alto.

— É aqui — disse Sofia, firme, com o olhar cravado na entrada.

Miguel, encantado, examinava cada pormenor da fachada esculpida, os olhos brilhando como se contemplasse uma pintura tornada realidade. Tomás, não menos fascinado, virou-se para ela com um sorriso travesso.

— Já que aqui estamos... não devíamos explorar um pouco? Não é todos os dias que se visita Coimbra medieval.

Sofia cruzou os braços, impassível.

— Estamos aqui para cumprir uma missão, não para passeios turísticos.

— Mas... — começou Miguel, apontando discretamente para uma rua lateral que descia até ao mercado.

— Nada de "mas" — cortou Sofia, sem desviar o olhar. — A Guardiã foi clara. Sem interações. Sem desvios. Rápido e discreto.

Entraram na igreja com passos contidos. As botas ressoaram no chão de pedra fria, e o interior mergulhava-os numa penumbra sagrada, onde a luz filtrada pelos vitrais dançava entre as sombras. Velas acesas tremeluziam em pequenos altares laterais, lançando reflexos sobre rostos ausentes. Sofia varreu o espaço com o olhar, à procura de um ponto que lhe falasse com a mesma certeza que sentira no Nexus.

— Vamos colocar a pedra perto do altar principal.

Miguel, com um gesto quase reverente, retirou do bolso a pedra do Cabo Mondego e entregou-a a Sofia.

— Tens mesmo a certeza de que isto vai funcionar?

— Temos de confiar — respondeu ela, acolhendo a pedra nas mãos como se fosse um relicário.

Avançaram juntos, contornando em silêncio um pequeno grupo de fiéis ajoelhados. Os rostos estavam pálidos, alguns marcados pela doença, mas havia neles uma fé tranquila, antiga, como se a alma já tivesse aprendido a viver entre o sofrimento e a esperança.

Sofia ajoelhou-se junto ao altar, pousando a pedra num pequeno recesso na pedra que parecia ter sido esculpido para aquele fim. Ficou imóvel por um instante, à espera de algo — um sinal, uma luz, um som místico. Qualquer coisa que confirmasse a ação.

Mas não houve clarões. Nem vibrações. Nem coros celestiais. Apenas o som distante de passos e o silêncio espesso da nave da igreja. Desconfiada, ajustou ligeiramente a pedra, como se duvidasse da sua posição. Nada mudou. E foi aí que compreendeu: a ausência de fanfarra era, afinal, a confirmação.

— Está feito — murmurou, erguendo-se com um suspiro de alívio contido.

Tomás e Miguel olharam para a pedra, visivelmente intrigados.

— Só isso? — perguntou Miguel, um pouco desapontado.

— Pensei que ia haver... eu não sei, algo mais dramático.

Sofia lançou-lhe um olhar impaciente.

— Também pensei que houvesse algum sinal, mas pelos vistos o tempo não funciona como um espetáculo. Agora, vamos sair daqui antes que chamemos mais atenção.

Apesar de algumas queixas e olhares curiosos de Tomás e Miguel, Sofia manteve o grupo focado enquanto deixavam a Sé Velha e se dirigiam para uma zona discreta da cidade. Miguel não conseguia esconder o desejo de continuar a explorar.

— A sério, Sofia, só um pequeno desvio. Quero ver o Mondego de perto.

Sofia parou e virou-se para ele, com as mãos na cintura.

— Miguel, não. Já fizemos o que viemos fazer. E se ficarmos mais tempo, só aumentamos o risco cometer um erro.

Tomás tentou intervir, mas Sofia foi ainda mais direta.

— Chega. Não estamos aqui para brincar. Agora mexam-se.

Apesar de algumas expressões descontentes, os dois seguiram Sofia em silêncio até saírem dos limites da cidade. Sofia virou-se para eles, um pouco mais tranquila.

— Cada interferência desnecessária pode desencadear um efeito dominó. Estamos aqui para corrigir, não para perturbar.

O grupo caminhou rapidamente pelas ruas da cidade, mantendo-se afastado dos olhares curiosos. Após encontrarem um local discreto, Tomás começou a ajustar o relógio para regressarem ao presente.

— Prontos? — perguntou Tomás, olhando para os dois.

— Sim. — responderam em uníssono.

Tomás ativou o relógio, e imediatamente o brilho ao seu redor começou a crescer, envolvendo-os em uma luz intensa que parecia vibrar com uma energia própria. A sensação era de serem puxados para um lugar além do tempo e do espaço, como se a própria realidade estivesse a desintegrar-se ao redor deles.

O ar tornou-se denso, como se o mundo ao redor tivesse mergulhado num silêncio viscoso. O movimento abrandou, distorcido, como se o tempo se tivesse comprimido numa dimensão invisível. Mas então, algo falhou. Miguel, distraído a admirar a cidade medieval, largou o braço de Tomás por instinto — um gesto pequeno, inconsciente. E foi o suficiente. Num instante, uma força invisível arrancou-o da transição. Tentou gritar, mas o som foi engolido pela energia que o envolvia. O seu corpo foi projetado contra uma parede de pedra com um estrondo surdo, caindo no chão como uma marioneta sem fios. Sofia e Tomás desapareceram na luz, impotentes, vendo Miguel ficar para trás.

Quando emergiram no Nexus, o corredor brilhava com a mesma serenidade de sempre. Mas os seus olhos estavam fixos no espaço vazio à sua volta. Esperaram. Um segundo. Depois dois. Três. Nada.

— Onde está o Miguel? — murmurou Tomás, com a voz presa num fio.

Sofia olhou em volta, desesperada, os olhos arregalados, os dedos cravando-se no braço de Tomás.

— Ele devia estar aqui! Ele estava connosco quando activámos o relógio! — disse, a voz embargada pela angústia.

Tomás, ainda de joelhos, segurava o relógio com força contra o peito, como se o pressionasse na esperança de extrair uma resposta.

— Algo correu mal. Vimo-lo ser puxado... antes da ativação. Só pode ter sido isso.

O Nexus manteve-se indiferente. As paredes pulsavam com a mesma luz calma de sempre, como se o tempo, na sua vastidão, não se comovesse com a dor dos que o atravessavam. Então, um brilho suave anunciou a chegada da Guardiã. Surgiu diante deles com a sua habitual fluidez, como se o próprio tecido do tempo se moldasse à sua presença. O seu olhar, calmo e profundo, pousou sobre os dois jovens.

— Onde está o Miguel?! — explodiu Sofia, avançando com passos rápidos e descompassados. A Guardiã inclinou a cabeça, os olhos cintilando com uma empatia serena.

— Ele não está aqui.

Sofia parou, como se atingida por um golpe invisível.

— Como assim, não está aqui?! Ele estava connosco quando viajámos! — gritou, a voz a quebrar-se em soluços.

A Guardiã permaneceu imóvel, e o seu silêncio parecia ainda mais cruel.

— Algo no fluxo o reteve. O tempo é instável. Ele ficou para trás.

Tomás avançou, o rosto contorcido de frustração.

— Sabia que isto podia acontecer e não nos avisou?! Ele pode ter morrido!

A Guardiã respondeu com a mesma serenidade de sempre, mas as suas palavras pesavam como granito.

— Foi-vos dito que cada viagem deixa marcas. O tempo não é linear. Cada escolha cria ondulações — e algumas são mais perigosas do que outras.

Sofia, com os olhos marejados, deu um passo em frente, como se quisesse agarrar aquela figura etérea e arrancar-lhe uma resposta.

— E agora? Como o trazemos de volta?

A Guardiã suspirou, sabendo o peso da resposta que teria de dar.

— Ele não emite qualquer sinal. O Miguel não está em nenhuma linha temporal. É como se o tempo o tivesse... apagado.

As palavras caíram como lâminas invisíveis. Sofia cambaleou, o corpo a recusar a lógica daquelas frases. Agarrou-se a Tomás, como se apenas o contacto humano pudesse impedir que desabasse.

— Não... — sussurrou, a voz a desvanecer-se, engolida pela vastidão do Nexus.

Tomás olhou para a Guardiã, o rosto endurecido por uma fúria contida.

— Não aceito isso. O Miguel está por aí, e vamos encontrá-lo. Custe o que custar.

A Guardiã permaneceu em silêncio por um instante, antes de assentir com gravidade.

— Cada tentativa de corrigir um erro gera novas ondulações. Estejam preparados para as consequências. Nem sempre o remendo é menor que a fissura.

— Mas... ele está morto? — murmurou Sofia, a voz entre a esperança e o desespero.

A Guardiã hesitou, e nesse breve silêncio o tempo pareceu parar, como se também aguardasse uma resposta.

— O tempo ainda não revelou o seu destino.

Tomás e Sofia trocaram um olhar carregado de pânico e impotência. Miguel estava perdido — talvez morto — e o tempo, esse juiz implacável, recusava-se a pronunciar sentença.

— Não podemos deixá-lo assim. Não podemos! — gritou Tomás, a voz a tremer de emoção. Sofia, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, fixou a Guardiã como quem procura um milagre.

— Ajude-nos. Diga-nos onde ele está. Faça alguma coisa!

A Guardiã manteve o olhar calmo, mas os seus olhos prateados refletiam algo mais fundo — um lamento antigo, como se já tivesse assistido a demasiadas perdas.

— O Miguel deixou de emitir qualquer tipo de energia, em qualquer época.

— Isso significa o quê? Que desapareceu? Que... morreu? — perguntou Tomás, a voz carregada de incredulidade.

— Não sei. — respondeu a Guardiã, após um silêncio pesado. — Só sei que... ele não está em lado nenhum no tempo.

Sofia caiu de joelhos, agarrando o relógio com força, como se a dor pudesse arrancar respostas ao silêncio.

— Isto não pode estar a acontecer... Ele estava connosco... estava connosco...

Tomás ajoelhou-se ao lado dela, segurando-lhe os ombros com firmeza.
— Temos de falar com o Valadares. Agora.

Com mãos trémulas, tirou o telemóvel do bolso e marcou o número do professor. A voz de Valadares atendeu do outro lado, serena mas alerta:

— Tomás? Está tudo bem?

— Não... não está — respondeu, com a voz embargada. — Usámos o relógio e o Miguel... desapareceu.

Houve um silêncio. Depois, o som tenso de um suspiro.

— Desapareceu? Estás a dizer-me que... viajaram sozinhos?

— A Guardiã avisou que podia haver riscos, mas achámos... — tentou justificar-se Tomás, até ser interrompido pelo som de um murro seco numa superfície.

— Eu disse-vos para não tentarem viajar sem apoio! — rugiu Valadares. — E levaram o vosso amigo com vocês? O miúdo de Coimbra que me falaram?!

Tomás hesitou, depois explodiu em palavras tropeçadas:

— Cumprimos a missão. Estávamos prestes a sair... mas o Miguel largou-me o braço no último instante. Algo o puxou para trás. Foi projetado contra uma parede e... não conseguiu vir connosco.

Do outro lado da linha, Valadares deixou-se cair na cadeira.

— Isto é exatamente o que temia... — murmurou. — Fizem tudo o que vos pedi para evitar.

Sofia agarrou o telemóvel, as lágrimas a caírem-lhe pelo rosto.

— Por favor... ajude-nos, professor. Ele está perdido. Não sabemos onde, nem quando.

Houve uma pausa densa. Depois, a resposta.

— Estou a caminho. Encontro-vos na Figueira. Não toquem em mais nada até eu chegar.

A chamada terminou. Ainda abalados, despediram-se da Guardiã.

Tomás e Sofia, consumidos pela ansiedade, dirigiram-se a um pequeno bar local. Sabiam que Valadares demoraria a chegar de Lisboa — e que, até lá, o tempo, mais do que nunca, era um inimigo silencioso.

No bar, sentaram-se em silêncio, trocando olhares apreensivos, mas sem desenvolverem grande conversa. A ansiedade e o peso da responsabilidade pairavam no ar. O tempo parecia arrastar-se até que, finalmente, o som familiar de um carro a estacionar cortou o silêncio. Valadares entrou apressado, com o semblante tenso, e aproximou-se de Tomás e Sofia, que o aguardavam, ainda abalados pela situação.

— Desculpem o atraso, vim o mais rápido que consegui. — disse Valadares, tentando esconder o cansaço da viagem.

Tomás, com a expressão cansada, explicou a situação o melhor que podia. Sofia, ainda visivelmente agitada, aguardava por mais respostas. O peso da perda de Miguel e o medo das consequências das suas escolhas pesavam sobre eles. Valadares ouviu com atenção, a expressão cada vez mais carregada.

— Isto é grave — disse ele finalmente.

— Se o Miguel deixou de emitir energia, como a guardiã mencionou, significa que ele está fora do tempo, ou completamente apagado da linha temporal.

— Mas isso é reversível? — perguntou Sofia, a voz tremendo.

Valadares suspirou profundamente.

— Não sei. Isso depende de onde ele está, ou... se ele ainda está.

O silêncio que se seguiu era espesso, quase palpável — apenas quebrado pelo tilintar abafado dos copos e pelo murmúrio distante de vozes no bar. Cada segundo arrastava-se como uma eternidade. Tomás permanecia sentado, mas os seus nervos denunciavam a inquietação. Esfregava as mãos nas calças com gestos curtos e mecânicos, o olhar perdido no chão, como se procurasse, nas linhas da madeira, uma explicação para o que tinham perdido.

— Morto... no século XIV. Como é que vamos explicar isso à família dele? — Tomás perguntou, virando-se para Valadares, com os olhos cheios de desespero.

— O que vamos dizer? Que ele viajou no tempo connosco e morreu numa missão em Coimbra medieval? Vão pensar que estamos loucos!

Valadares esfregou o rosto com as mãos, visivelmente exausto. A tensão no seu olhar era evidente.

— Não há explicação. Nem à polícia, nem à família dele, nem a ninguém. Se contarmos a verdade, acabamos internados num hospital psiquiátrico.

Sofia balançou a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Mas não podemos simplesmente... ignorar isto. Ele tem uma família. Vão procurar por ele, vão querer respostas!

Tomás parou, com os punhos cerrados, a frustração visível.

— Eles não podem saber a verdade. Ninguém pode. Precisamos pensar noutra coisa.

— Como o quê, Tomás? Inventamos uma história ou dizemos que ele fugiu? Isso é pior do que não dizer nada. — afirmou Sofia, a voz carregada de dor e frustração.

Valadares ergueu uma mão, o gesto firme mas contido.

— Falem mais baixo — advertiu, com a voz grave e controlada, os olhos a varrerem o espaço em redor. — Estamos num bar. Não convém levantar suspeitas.

Fez uma pausa curta, inclinando-se ligeiramente sobre a mesa.

— Precisamos de pensar com clareza. Esta situação exige mais prudência do que aquela com que a estão a encarar.

Tomás e Sofia mantiveram-se em silêncio, atentos.

— Escutem-me bem: não há soluções fáceis. Mas se correrem à polícia... ou contactarem a família do Miguel, estarão a condenar não só as vossas vidas, mas também qualquer hipótese de compreendermos o que realmente aconteceu.

Sofia enxugou os olhos, mas o pânico era evidente.

— Então, o que fazemos?

Tomás passou as mãos pelo rosto com força, como se quisesse arrancar a culpa da pele. Depois, deixou-se cair na cadeira, derrotado, mas não vencido.

— Não vou desistir dele.

Valadares fitou-o, os olhos duros mas carregados de compreensão.

— Ninguém vai desistir — respondeu com firmeza, dirigindo o olhar a Tomás e depois a Sofia, como se os chamasse de volta à lucidez.

Com um suspiro contido, ajeitou os óculos e baixou ligeiramente a voz:

— Mas, por agora, precisamos de discrição. Vão continuar as vossas vidas como se nada tivesse acontecido. Comportem-se como sempre, evitem levantar suspeitas.

Fez uma breve pausa.

— Enquanto isso, eu vou tentar perceber o que causou a falha. O que levou Miguel a desaparecer... e se ainda há forma de o encontrar.

Sofia e Tomás trocaram olhares, a dor evidente nos rostos de ambos. Nenhuma das opções parecia justa, mas a realidade era cruel. Estavam presos numa situação impossível, onde a verdade era inacreditável e as mentiras eram insuficientes.

Após a tensa conversa no café, Tomás, Sofia e Valadares tomaram uma decisão inevitável: regressar ao Nexus. A Guardiã tinha sido clara — Miguel não existia em nenhuma linha temporal, mas recusavam-se a aceitar aquela ausência como definitiva. Precisavam de tentar mais uma vez.

Entraram no corredor luminoso com passos silenciosos, agora com Valadares a liderar. Mal os seus pés tocaram o solo daquele espaço fora do tempo, o professor deteve-se, os olhos fixos na imutável grandiosidade que os rodeava. Havia uma dissonância entre a serenidade do lugar e o tumulto que carregavam no peito. A luz pulsante do Nexus parecia indiferente à urgência humana que os impelia.

A Guardiã surgiu em silêncio, como uma aparição etérea. A sua presença irradiava autoridade serena, mas os olhos, esses, traíam uma tristeza antiga. Valadares ajustou os óculos com um gesto nervoso, sentindo o peso da responsabilidade mais do que nunca.

— Vamos regressar à mesma época — disse, num tom resolutivo, mas cansado. — Talvez encontremos algo... uma pista, um rasto.

A Guardiã fitou-o longamente antes de responder, a voz serena a ecoar pelo espaço.

— O Miguel não está aqui. Não há mais nada a fazer. Compreendo a vossa vontade... mas mexer no tempo novamente pode trazer consequências que não compreendem. Não devem continuar.

Apesar do aviso, Tomás avançou. Não hesitou. O polegar pressionou o mecanismo do relógio com a firmeza de quem já aceitara o peso do que vinha a seguir. A Guardiã observou em silêncio, os olhos carregados de séculos. Quando finalmente falou, não foi para impedir — mas para lembrar:

— Cuidado. Nem sempre quem viaja encontra o que procura.

A viagem levou-os de volta ao século XIV, a uma Coimbra mergulhada em névoa e decadência. As ruas estavam cobertas de uma humidade pesada, o cheiro de morte impregnava o ar. Os olhares evitavam-se, e os poucos que caminhavam pareciam sombras de si mesmos.

Valadares, apesar do sofrimento visível ao redor, não conseguia esconder o espanto. Aquela cidade viva — nos livros, nas aulas, nas memórias — agora desdobrava-se à sua frente com uma nitidez brutal. A História, agora, era pele, osso e miséria.

Durante horas, vasculharam ruas, vielas, olhares. Nada. Nenhum sinal de Miguel. Quando regressaram ao Nexus, estavam exaustos — física e emocionalmente.

A Guardiã aguardava-os, imóvel, como uma sentinela de mármore. Não fez perguntas. Não precisou.

— O tempo não se altera com facilidade — disse ela. — Mas cada mudança pode desencadear repercussões que nem os mais sábios conseguem antecipar.

Fez uma pausa, os olhos prateados a mergulharem nos deles.

— O Miguel desapareceu de todas as linhas temporais. Agora, pergunto-vos: o que escolherão? O Miguel que conheceram... ou o mundo que ainda podem salvar?

O silêncio que se seguiu foi espesso como a própria névoa de Coimbra. Nenhuma resposta veio. Talvez porque nenhuma fosse suficiente.

Quando deixaram o Nexus, já não eram os mesmos. Miguel permanecia perdido — talvez irrecuperável — e, apesar da dor, sabiam que o tempo não parava. Ainda havia missões por cumprir, responsabilidades por assumir. E, embora não pudessem mudar o passado, restava-lhes a coragem de proteger o futuro.

Os dias que se seguiram foram marcados por um silêncio pesado. Dentro de cada um deles, o verdadeiro ruído era outro: o da culpa, do luto e da incerteza, que ecoava como um trovão mudo no coração de cada um. Primeiro, a dor e a angústia de ver o desconhecido Daniel, que foi uma importante ajuda nas suas vidas a sacrificar-se para salvar o grupo. E, antes que pudessem processar plenamente esse momento, Miguel também fora tragado pelo fluxo do tempo. Em apenas duas viagens, duas vidas tinham sido devastadas.

Tomás e Sofia carregavam o peso do que consideravam ser as suas próprias falhas, embora ambos lidassem com a culpa de maneiras diferentes.

Tomás sentia-se o epicentro de tudo. Foi o relógio que do seu avô e o manuscrito que os levaram até estas aventuras de viajar no tempo. Cada decisão parecia desabar sobre os seus ombros, tornando cada segundo um exercício de auto-questionamento.

Sofia, por outro lado, afogava-se em racionalizações. Como mulher da Física e da racionalidade, tentava encontrar explicações lógicas para tudo o que tinham enfrentado, mas a perda de Miguel dilacerava qualquer teoria que pudesse conceber. «Se tivéssemos esperado», pensava ela. «Se eu tivesse insistido mais, ele estaria aqui».

Por sua vez o Professor Valadares considerava que a sua responsabilidade era ainda maior. Acreditava que era o único capaz de prever os perigos, de guiar os jovens através destas teias do tempo. Mas não estivera presente quando mais precisavam dele. Após a viagem a 1893, dera-lhes espaço para processarem a experiência, um erro que agora parecia irreparável.

A culpa era um fio que ligava os três, mas manifestava-se de formas diferentes. Enquanto Tomás e Sofia se isolavam nos seus próprios pensamentos, Valadares mergulhava no trabalho. Passava as noites a fio a traduzir, decifrar e pesquisar, dormindo apenas duas ou três horas por dia. A obsessão de encontrar respostas e, talvez, uma forma de corrigir os erros, era a única coisa que o mantinha em pé.

Foi numa dessas noites intermináveis — entre pilhas de livros empoeirados e folhas de apontamentos espalhadas pelo chão do seu minúsculo escritório — que Valadares teve o clique. A culpa e o cansaço toldaram-lhe a visão durante semanas, mas agora, ao folhear o caderno encontrado na casa do avô de Tomás, compreendeu de súbito: aquilo não eram meros registos.

Eram anotações meticulosas do *Arcana Temporis*, um manuscrito lendário, alegadamente guardado durante séculos por uma ordem franciscana em Évora. Copiada à mão com rigor monástico, a obra fora descrita em crónicas antigas como um compêndio de saberes interditos — ainda que os próprios monges, em notas marginais, confessassem não compreender o seu verdadeiro propósito. O original, contudo, perdera-se para sempre num incêndio que consumira a capela onde estivera escondido.

Valadares pousou a caneta que ainda segurava, os olhos fixos na página à sua frente. A revelação era avassaladora: o *Arcana Temporis* poderia conter respostas vitais sobre as viagens temporais — talvez até os segredos do próprio Nexus, do relógio, e, mais importante ainda, uma possível forma de resgatar Miguel.

Recostou-se na cadeira, os dedos a tamborilar no manuscrito com um nervosismo contido. A resposta estivera sempre ali, óbvia como o zumbido do portal: se o *Arcana Temporis* original fora destruído em Évora, no grande incêndio de 1851, bastaria viajar até à cidade antes da tragédia e recuperar o manuscrito — talvez, com isso, desvendar os mecanismos do tempo.

Na manhã seguinte, Valadares acordou Tomás às sete. Não dormira. As páginas continuavam abertas sobre a mesa, e os símbolos do *Arcana Temporis* giravam-lhe na mente como constelações por decifrar. Quando Tomás e Sofia entraram no gabinete, ainda a esfregar os olhos, encontraram o professor já em pé — determinado, embora visivelmente exausto.

— Se o *Arcana Temporis* explica como o relógio distorce o fluxo temporal... talvez revele uma falha. Um intervalo. Uma brecha que nos permita trazer o Miguel de volta — murmurou, quase para si mesmo.

Levantou-se de rompante, a cadeira a ranger sob o peso da decisão. Não havia mais tempo para hesitações.

— O manuscrito que o Tomás encontrou, que julgávamos ser apenas uma compilação de anotações... são fragmentos do *Arcana Temporis*. O original está — ou esteve — na Igreja de São Francisco, em Évora. Se o recuperarmos antes do incêndio de 1851, talvez possamos, enfim, compreender como o relógio funciona.

Olhou-os nos olhos, um brilho inquebrantável na expressão.

— Não estamos aqui para salvar o passado. Estamos aqui para garantir o futuro. E, com sorte, para salvar o Miguel.

O silêncio que se seguiu era denso. Tomás e Sofia absorviam cada palavra, enquanto um novo peso se instalava nos seus pensamentos — feito de esperança e incerteza.

Sofia, fiel à sua racionalidade, foi a primeira a falar:

— Para o recuperarmos... temos de viajar no tempo outra vez.

Valadares acenou lentamente, os ombros curvados pelo cansaço de quem carrega demasiado.

— Precisamente. Antes do incêndio. Antes que tudo se perca para sempre. Pode ser a nossa última oportunidade.

Tomás levantou-se, e no seu rosto não restava hesitação — apenas convicção.

— Então, o que estamos à espera? Vamos a Évora.

Sofia hesitou, uma sombra de preocupação cruzando-lhe o rosto.

— Espera... não deveríamos pensar melhor nisto? E se criarmos mais fissuras ao tentar salvar o manuscrito?

Valadares olhou diretamente para ela, a seriedade nas suas palavras quase esmagadora.

— Sofia, esta pode ser a nossa única forma entender como o relógio e as viagens funcionam.

A dúvida pairava na sala, mas o consenso parecia inevitável. Com os olhos postos no relógio sobre a mesa, o mesmo que tantas vezes os conduzira a lugares inimagináveis, Tomás respondeu com firmeza.

— Mas, não precisamos de uma pedra do Cabo Mondego para estabilizar o fluxo do tempo? — questionou Sofia, ainda visivelmente insegura.

Valadares suspirou, ajustando os óculos com um movimento lento, como se procurasse as palavras certas.

— Não, Sofia. A Guardiã só se referiu à pedra quando há fissuras no tempo. Neste caso, somos nós que vamos viajar, por isso, em princípio, não deve ser necessário usá-la.

Sofia franziu o sobrolho, com uma nova dúvida a surgir.

— E o Daniel não nos explicou que os viajantes normalmente partem da Figueira? Eu senti efeitos secundários horríveis na última viagem, saindo de Lisboa. Não devemos estar atentos a isso?

Tomás, tentando aliviar a tensão, interveio rapidamente.

— Oh, também vomitaste em Coimbra, não foi?

Sofia, não se deixando distrair, respondeu com firmeza.

— Sim, mas isso não foi causado pela viagem no tempo, Tomás. Foi o ambiente em si, as condições e os cheiros de Coimbra naquela época que provocaram isso.

Valadares, que até então se mantivera em silêncio, olhou-os com uma expressão séria e direta.

— Mesmo que haja efeitos secundários, esta viagem não pode esperar. Temos de agir rapidamente. Cada minuto que passamos a discutir pode ser crucial para salvar o Miguel.

— Vamos resgatar o manuscrito.

O grupo preparou-se para mais uma viagem no tempo. Desta vez, rumo a Évora, em 1850, numa corrida contra o tempo para salvar o *Arcana Temporis* do esquecimento. O ambiente na sala tornou-se ainda mais pesado. A perspectiva de mais uma viagem — com todos os riscos que implicava — era tanto aterradora quanto inevitável. Mas, pela primeira vez em dias, uma centelha de propósito começou a brilhar entre eles.

Sofia cruzou os braços, tentando processar a urgência implícita nas palavras de Valadares.

— Então, a única hipótese é encontrá-lo antes que o incêndio o destrua?

Valadares assentiu, com o tom grave.

— Exatamente. Sabemos o local e o momento preciso do incêndio. Se agirmos com rapidez e precisão, conseguiremos localizar o manuscrito e trazê-lo para o presente, antes que se perca para sempre.

Tomás lançou um olhar breve a Sofia e, depois, a Valadares. A hesitação que ainda lhe sombreava os olhos desvaneceu-se, substituída por uma determinação firme.

— Não temos escolha. Vamos a Évora.

A decisão estava tomada.

Mas desta vez, os preparativos exigiram outra prudência — mais calculada, mais sóbria. O gabinete de Valadares, agora convertido num improvisado quartel-general, transbordava de mapas desdobrados, livros encadernados em couro e instrumentos científicos, como uma extensão tangível da mente meticulosa do professor. O ambiente exalava o cheiro antigo do papel e da poeira — e da urgência.

As roupas modernas foram cuidadosamente dobradas e substituídas por trajes da época, recolhidos do acervo da universidade. Tomás ajustava a gola do colete com serenidade, enquanto Sofia franzia o sobrolho, lutando com as várias camadas de tecido do vestido longo.

— Nunca me vou habituar a isto — resmungou ela, ajeitando a saia com um gesto irritado.

Valadares, já envergando um casaco antiquado que lhe conferia o ar discreto de um comerciante oitocentista, aproximou-se da mesa onde repousava o relógio.

— Vamos um ano antes do incêndio. Évora, 1850 — disse Tomás, ajustando o mostrador com cuidado.

Sofia respirou fundo. O nervosismo, ainda que contido, era evidente no seu olhar.

— Desta vez, sabemos onde estamos a ir. Isso deve ajudar.

Valadares ajustou os óculos, os olhos fixos no relógio.

— O objetivo é claro: recuperar o *Arcana Temporis* e sair antes que alguém repare em nós.

Tomás segurou o relógio com ambas as mãos. O silêncio na sala era denso, como o momento antes de um mergulho.

— Preparados?

Sofia e Valadares entreolharam-se. Sem palavras, assentiram.

Formaram um círculo à volta do relógio, os ombros quase a tocarem-se. Tomás ativou o mecanismo e, de imediato, a luz dourada começou a pulsar — quente, viva, vibrante como o bater de um coração. A sensação de deslocamento foi imediata: um puxão suave, mas inexorável, como se os seus corpos fossem brevemente desfeitos e reconstruídos numa nova era.

Quando o brilho se dissipou, os três estavam de pé na movimentada Praça do Giraldo, em pleno ano de 1850. Homens de chapéu-de-côco e longos sobretudos discutiam preços de azeite nas esquinas, enquanto mulheres com xailes negros e saias armadas regateavam com as peixeiras, cujos pregões em dialeto alentejano ecoavam entre as fachadas caiadas. Carroças rangiam sobre o empedrado irregular, puxadas por mulas exaustas que deixavam atrás de si um rasto de feno e estrume. O cheiro era, também ele, do século: uma mistura densa de azeite quente, cera de abelha e terra seca.

Sofia apertou o xaile antigo contra os ombros, tentando proteger-se do vento cortante. Ainda desconfortável com as várias camadas do vestido da época, olhou em volta, maravilhada — e aliviada por ver que, apesar da estranheza das roupas, não estavam a atrair atenções indesejadas.

— É incrível... parece que entrámos numa pintura viva.

Tomás, mais à vontade no seu colete de época, alisou o casaco com naturalidade. O olhar fixou-se de imediato na Igreja de São Francisco, erguida ao fundo como uma sentinela silenciosa, separada da praça por ruas estreitas e sombreadas.

— Vamos. O que procuramos está lá. — Apontou com um discreto gesto de cabeça.

Sem perder tempo, começaram a atravessar a praça, misturando-se com o vaivém da cidade. Valadares, ajustando o casaco e os óculos, inclinou-se ligeiramente para a frente, como quem se prepara para um mergulho.

— Lembrem-se: discrição absoluta. O *Arcana Temporis* está na igreja. Quanto mais depressa o encontrarmos, mais cedo saímos daqui.

Valadares lançou um último olhar em direção à igreja e ajustou os óculos antes de começar a caminhar. Os três seguiram pelas ruas estreitas de Évora, o som abafado dos seus passos misturando-se com o ambiente animado da cidade.

— A sacristia deve ser o lugar mais provável para encontrarmos o manuscrito. É onde documentos antigos costumam ser guardados. — disse Valadares, sem diminuir o passo.

— E onde a Custódia pode estar à nossa espera. Eles seguem-nos, sabem por onde viajamos. Escapámos por pouco na Figueira... se não fosse o Daniel, tinham-nos apanhado — lembrou Sofia, olhando ao redor com atenção renovada.

— É uma possibilidade. Temos de estar atentos — concordou Tomás.

Ao chegarem ao pátio da igreja, o ambiente pareceu mudar. O bulício da praça ficou para trás. A entrada principal da igreja erguia-se diante deles, imponente, mas envolta num silêncio estranho — como se o próprio edifício os observasse.

Valadares parou por um momento, avaliando o movimento em redor. Depois, fez sinal para uma entrada lateral, mais discreta, meio escondida entre sombras e heras.

— Este é o caminho menos óbvio. Vamos por aqui.

A porta cedeu com um leve ranger, revelando um corredor escuro e estreito que levava ao interior da igreja. O som das vozes e dos passos lá fora dissipou-se, substituído por um silêncio quase opressivo.

A sacristia era uma sala modesta, com armários de madeira robusta alinhados nas paredes. O cheiro de cera de vela e pergaminho antigo pairava no ar.

— Comecem a procurar. Deve estar num dos armários — disse Valadares, já examinando as inscrições nas portas de madeira esculpida.

Tomás e Sofia dividiram-se, revistando gavetas e estantes em busca do *Arcana Temporis*. O tempo parecia esticar-se, cada segundo carregado com a tensão de que a qualquer momento poderiam ser interrompidos.

Foi Sofia quem encontrou a caixa, escondida atrás de um ícone de São Jerónimo na sacristia escura.

— Aqui! — chamou, contendo a voz para não ecoar pelas paredes de pedra.

Valadares aproximou-se, os passos abafados pelo manto de pó secular, e abriu a tampa da caixa. Dentro, envolto numa capa de couro rachado pelo tempo, jazia o *Arcana Temporis*. As páginas, tão frágeis como asas de borboleta, estavam repletas de símbolos.

— É isto — murmurou Valadares, os dedos a pairar sobre os diagramas como se tocassem em algo sagrado.

Tomás aproximou-se, a sombra a engoli-lo quase por completo.

— Finalmente... mas ainda não está seguro,

Lá fora, o silêncio do convento era pesado demais. Sofia ia começar a falar...

— Precisamos sair antes que...

Um estalo seco interrompeu-a. Passos. Rápidos. E depois, vozes.

— *Recherchez partout! Ils ne peuvent pas être loin!* — "Procurem por toda a parte! Eles não podem estar longe!" — ecoou um comando em francês, seguido do ruído metálico de uma espada a ser desembainhada.

Valadares empalideceu.

— Já nos descobriram. Temos de fugir e proteger bem o relógio... e o *Arcana*.

Tomás engoliu em seco:

— Franceses? Aqui?

— Aparentemente a Custódia opera em todos os anos— sibilou Valadares, fechando a caixa e empurrando-os para uma porta estreita nos fundos da sacristia.

— E devem saber que mexemos no que não devíamos.

O túnel atrás da porta era estreito, o ar a cheirar a mofo e medo. Avançaram às cegas, Sofia à frente com a vela, até Tomás segurar o braço dela:

— Esperem... ouviram?

Ici! Des traces sur la poussière! — "Aqui! Vestígios na poeira!" — gritou alguém em francês, não mais que dez metros atrás.

— Corram! — ordenou Valadares, com a voz a rachar-se.

O grupo disparou pelo túnel, a caixa do *Arcana Temporis* a bater contra o peito do professor como um coração emprestado. Quando enfim saíram para o pátio exterior, a luz do sol cegou-os. Dois cavalos relinchavam ao longe, atados a uma carroça abandonada.

— Misturem-se aos romeiros! — disse Sofia, apontando para um grupo que se dirigia à Sé. Mas mesmo ali, entre as roupas simples dos aldeões, destacavam-se, um homem de sobretudo escuro, binóculos na mão, observava o pátio.

A perseguição intensificava-se. Os ecos dos passos da Custódia Temporal estavam cada vez mais próximos, reverberando pelas paredes do túnel. Quando chegaram a uma esquina, deram de caras com um grupo de homens vestidos de preto.

— Estão encurralados! — gritou um dos membros da Custódia Temporal em português, avançando com um olhar implacável. O levantou uma baioneta, a lâmina brilhando à luz fraca do corredor. A arma, longa e afiada, irradiava uma ameaça silenciosa, a sua presença imponente refletindo o perigo iminente.

— Não podem escapar. — disse ele, a voz firme, cheia de autoridade.

O ar estava tenso, o silêncio quebrado apenas pelos ecos da perseguição que se aproximava. Antes que os homens da Custódia pudessem avançar, uma figura surgiu das sombras — como se a própria escuridão o tivesse gerado para impedir o pior. Um homem encapuzado, envolto num manto castanho que ondulava com solenidade, avançou em silêncio. A sua presença absorvia a luz ao redor, tornando-o quase irreal. Na mão erguida, uma cruz de madeira simples cintilava — não refletindo as armas, mas como se reconhecesse, por si só, a ameaça iminente.

— Aqui, não. — disse ele, com uma voz grave e pausada, mas carregada de uma autoridade absoluta. O espaço pareceu encolher à sua volta, vibrando com uma energia silenciosa, tão serena quanto esmagadora.

Os homens da Custódia entreolharam-se, vacilantes. O mais próximo deu um passo em frente, hesitante, o olhar fixo na figura encapuçada. Quando avançou, desafiador, o estranho ergueu a cruz com lentidão solene — não como arma, mas como muro sagrado. E nenhum deles ousou atravessá-lo.

— Alguém que protege este território. Vão embora. — disse o homem, a sua voz imperturbável e tão poderosa quanto o movimento que o acompanhava.

Por um momento, os homens da Custódia permaneceram parados, estudando o desconhecido. Mas, como se algo dentro deles tivesse cedido, deram um passo atrás, e o líder do grupo sinalizou para os seus companheiros se retirarem.

— Isto não acabou. — murmurou ele, lançando um olhar fulminante antes de desaparecer nas sombras.

A figura não se moveu, mantendo a cruz erguida como um símbolo inabalável de resistência. Só então, com voz baixa, mas carregada de urgência, falou.

— Venham comigo. Não é seguro ficarem aqui. — disse ele, a sua voz suave mas cheia de urgência.

Tomás hesitou, mas foi Sofia quem deu o primeiro passo, exausta e sem alternativa. O grupo seguiu o homem misterioso por ruas estreitas e sinuosas, ainda a recuperar o fôlego da fuga. Ninguém falava; cada um mantinha-se alerta, atento a qualquer som ou sombra.

Chegaram, enfim, a uma pequena capela isolada, mergulhada na penumbra. O homem abriu a porta de madeira pesada e indicou-lhes que entrassem.

— Depressa. — disse ele, num tom baixo mas firme.

O interior da capela era simples, mas acolhedor. Bancos de madeira envelhecida alinhavam-se diante de um altar modesto, iluminado apenas por velas e por uma cruz singela. O cheiro a cera e a pedra húmida envolvia o espaço, enquanto sombras suaves dançavam nas paredes.

O homem baixou o capuz, revelando um rosto redondo e marcado por rugas suaves, como a casca de uma árvore antiga do Alentejo. A barba, curta e grisalha, tingida por traços brancos que contrastavam com o tom moreno da pele, enquadrava um sorriso cálido, quase paternal. Os olhos escuros, pequenos e penetrantes, brilhavam com uma inteligência afiada, como se conseguissem ler segredos guardados nas entrelinhas das almas.

As sobranceiras espessas quase se tocavam ao centro, acentuando um ar austero que era desmentido pela doçura do olhar. Vestia um hábito agostiniano gasto, ajustado com um cinto de couro velho, e o corpo robusto denunciava anos de trabalho nas hortas do mosteiro sob o sol implacável do Alentejo. Nas mãos largas e calejadas segurava um rosário de madeira escura, que os dedos percorriam com o automatismo de quem reza para manter o mundo inteiro de pé. Na testa, uma mancha de nascença em forma de lua crescente — que os aldeões viam como sinal divino — completava a sua figura invulgar.

— Sou o Frei Martinho, da ordem dos Agostinianos. E vocês?

Valadares fez um leve aceno de cabeça, o corpo ainda tenso.

— Eu sou Valadares. Estes são Sofia e Tomás. Estamos... de passagem.

— De passagem? — repetiu Martinho, intrigado. Observando cada um deles com atenção, como se tentasse ver além das palavras.

Sofia hesitou, mas finalmente falou:

— Procuramos abrigo. E talvez algumas respostas.

O frade inclinou ligeiramente a cabeça, avaliando a sinceridade dela.

— Respostas, dizem? Este não é o lugar onde elas costumam ser encontradas. Mas se procuram abrigo, Deus não fecha a porta a quem bate com verdade no coração.

Martinho cruzou os braços, inclinando-se ligeiramente para a frente.

— Mas digam-me, quem eram aqueles homens que vos perseguiram? Pareciam determinados a capturar-vos.

Sofia e Valadares trocaram olhares rápidos. Tomás tentou intervir, mas hesitou. Foi Sofia quem finalmente respondeu, com uma voz cuidadosamente controlada.

— São caçadores de tesouros. Estamos em busca de um artefacto antigo e eles querem roubá-lo.

Martinho franziu a testa, claramente desconfiado.

— Um artefacto, dizem? E que tipo de tesouro justifica tamanha violência?

Valadares ajustou os óculos, escolhendo as palavras com cautela.

— É um objeto de grande valor cultural e espiritual. Algo que deve ser protegido, não explorado.

O frade manteve o olhar firme neles por alguns instantes antes de acenar lentamente com a cabeça.

— Entendo. Há muitos que perdem a alma por causa do ouro e do poder. Espero que as vossas intenções sejam diferentes.

Sofia assentiu, mantendo a compostura.

— Acredite que são. Apenas queremos fazer o que é certo.

Martinho analisou-os por mais um momento, como se ponderasse o que acabara de ouvir. Então, finalmente, deu-lhes um pequeno sorriso e gesticulou em direção ao altar.

— Então, juntem-se a mim. Com certeza precisam de mais do que respostas agora.

O frade conduziu-os para perto do altar, onde alguns bancos estavam dispostos de forma a parecerem uma pequena sala de estar improvisada. Trouxe pão, queijo e uma jarra de água de uma despensa lateral, insistindo para que se sentassem.

— Comam. Parece que passaram por uma tempestade.— disse ele, com um sorriso acolhedor.

O grupo aceitou a oferta do Frei Martinho, embora Valadares permanecesse desconfiado, observando atentamente cada movimento do frade.

Frei Martinho olhou para o grupo, visivelmente desconfortável, mas com a expressão serena de quem carrega tanto fé quanto determinação. Na mão, uma vela tremia com a corrente de ar — uma luz frágil, mas constante, como um farol no meio da tempestade.

— Sei que os vossos propósitos são maiores do que consigo compreender — disse ele, com a voz calma.

— Mas vejo no vosso olhar a verdade, e a verdade é obra de Deus. Se eu posso ajudar, farei o que for necessário.

Valadares inclinou-se ligeiramente, braços cruzados, estudando o frade com atenção. Martinho manteve o queixo erguido, os olhos a brilhar com a convicção serena de quem já escolheu o seu caminho.

— Deus nos dá a vida para que a vivamos com propósito. Se o meu papel for ajudar-vos, que assim seja.

Valadares fez uma pausa, observando o frade com atenção. Sentiu que era o momento de dizer a verdade, por mais difícil que fosse compartilhar uma informação tão incomum com um monge do século XIX. Com um gesto deliberado, Valadares apontou para o relógio na mão de Tomás, fazendo sinal para que o mostrasse a Frei Martinho.

— O que estamos a tentar fazer, Frei Martinho, não é simples. Viemos de 2024, e este relógio é a chave para as viagens no tempo. Com ele, viajamos para diferentes períodos da história.

Sou Professor de História em 2024, e viemos até aqui para recuperar um manuscrito perdido, o *Arcana Temporis*, na esperança de compreender melhor o funcionamento do tempo e, quem sabe, encontrar uma maneira de salvar o nosso amigo Miguel, que se desapareceu numa viagem do tempo.

O Frei Martinho olhou fixamente para o relógio, os olhos a brilhar com uma curiosidade quase sobre-humana. Por incrível que parecesse, ele não hesitou em acreditar neles. Depois de um breve silêncio, disse com voz firme:

— Vejo nos vossos olhos a verdade. Como disse Tomás de Aquino: *A verdade não pode ser contrária à razão*. O que estão a dizer pode parecer impossível, mas acredito em vós e na vossa missão. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para vos ajudar no que for necessário.

Sofia sorriu levemente, tocada pelas palavras do frade.

— Obrigada, Frei. É bom ter alguém do nosso lado.

Martinho acenou com a cabeça e apontou para uma porta nos fundos da capela.

— Por aqui. É uma saída discreta que leva a um beco. Mas tenham cuidado.

O grupo seguiu-o rapidamente pela sacristia, os passos abafados pelas tábuas de madeira que rangiam sob os pés. Mal tiveram tempo para reagir antes que um estilhaço de uma explosão atingisse o altar, espalhando fogo pelos arredores.

O cheiro de madeira queimada misturou-se ao de cera derretida, e Tomás gritou ao perceber que o livro de capa grossa que carregavam começava a pegar fogo.

— O livro! — exclamou Sofia, tentando inutilmente abafar as chamas com as mãos.

— Já era! Não podemos parar agora!— gritou Valadares, puxando-os em direção à saída.

Quando saíram para o beco, as últimas páginas queimadas do livro desintegraram-se em cinzas, levadas pelo vento.

Após alcançarem um local seguro, um silêncio desconfortável caiu sobre o grupo. Valadares foi o primeiro a quebrá-lo, ainda ofegante:

— Não acredito... — Tirou os óculos, esfregando as têmporas com dedos que tremiam de frustração.

O grupo virou-se para o Frei, que, ajustando o crucifixo no peito com um gesto automático, declarou.

— Conheço cada beco desta cidade. Não será difícil arranjar-vos um esconderijo para continuarem a viagem.

Chegaram a uma porta de madeira antiga. Martinho empurrou-a com força, revelando um beco estreito e mergulhado na escuridão. A lua brilhava parcialmente, projetando sombras que dançavam nas paredes de pedra.

— Não temos muito tempo. Vamos — disse Martinho.

O grupo seguiu em fila indiana, movendo-se rapidamente e em silêncio. Mas o som de vozes e passos ecoava pelas ruas, aproximando-se.

— Estão a cercar-nos — murmurou Tomás, apertando o manuscrito contra o peito.

Tomás tirou o relógio do bolso, os dedos trémulos enquanto ajustava as coordenadas.

— Se abriremos o portal agora, podemos escapar antes que eles nos encontrem.

Os passos ecoavam cada vez mais perto, e as vozes da Custódia Temporal rasgavam o silêncio do beco:

— Procurem em toda a parte! Eles estão aqui!

Frei Martinho manteve-se imóvel, com uma vela na mão tremendo ligeiramente. Com um sorriso sereno que desconcertava, olhou para Tomás e Sofia.

— Não temam por mim. A minha fé guia-me. Vocês têm um propósito maior. Protejam o que é importante.

Tomás apertou o relógio na mão, o suor a escorrer-lhe pelos dedos.

— Acho que devíamos levá-lo connosco. Se não, eles podem matá-lo. — disse Tomás, a voz carregada de urgência.

Frei Martinho ergueu a mão num gesto definitivo.

— Não se preocupem comigo. O meu lugar é aqui. A minha presença distrai-os... a vossa missão é maior do que a minha vida.

Tomás, os punhos cerrados, virou-se para o frade, a voz rasgando-se de raiva.

— Não outra vez! O Daniel ficou para trás, e olhem no que deu! Não vou repetir isto!

Sofia olhou entre os dois, os olhos inquietos.

— Tomás... ele está a tentar ajudar-nos!

— Ajudar não é morrer! — gritou Tomás, o medo e a raiva misturados na voz.

Nesse momento, um clarão de luz de uma vela iluminou a entrada do beco. Três figuras de sobretudo escuros avançaram, as baionetas nas mãos cintilando sob a lua como dentes de lobo. O mais alto ergueu a lâmina na direção de Martinho, o sorriso deformado pelo reflexo do aço frio.

— Acabou a correria. Ninguém escapa à Custódia.

Martinho não pestanejou, a voz tão calma como a água de um poço profundo:

— Podem apagar histórias, mas não apagam almas.

O homem da Custódia riu-se — um som seco, como o estalar de um osso.

— Vamos apagar-te a ti, para que finalmente te cales.

Nesse instante, Tomás ativou o relógio e, num gesto rápido e decidido, atirou-o para as mãos de Valadares, que o agarrou com dificuldade.

O artefacto começou a brilhar intensamente. O ar ao redor deles estremeceu, contorcendo-se como se o tempo estivesse a ser comprimido. Mas Tomás não ficou com eles. Deu meia-volta, correu até Frei Martinho — que permanecia de pé, sereno, entre a sombra e a ameaça — e agarrou-o com força pelo braço.

— Segura-te ao professor! — gritou Tomás, voltando-se para Sofia enquanto puxava o frade com força pela manga do hábito.

Valadares agarrou o relógio com ambas as mãos, os olhos arregalados, como se não acreditasse no que estava a acontecer.

— Tomás, isto é uma loucura! Volta já para aqui! — bradou, a voz tensa, quase a ceder ao pânico.

Mas era tarde. Tomás lançou-se para o grupo e enterrou a mão livre no ombro do professor, formando uma corrente. Sofia já estava agarrada ao casaco de Valadares, a respiração presa no peito.